

13^A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CINEMA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VIANA DO CASTELO

XXIV ENCONTROS DE VIANA
CINEMA 02A14
MAIO
2024

WWW.ENCONTROSDECINEMA.PT

**13ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CINEMA DE VIANA
DE 8 A 10 MAIO DE 2024**

PROGRAMA

8 MAIO

11H00 - 12H30

PALESTRA INAUGURAL

12H30 - 13H00

INAUGURAÇÃO DE EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA - **SODITNES**

14H00 - 16H00

MESA 1 > **FOTOGRAFIA, ARQUIVO E PESQUISA**

14H00 - 16H00

MESA 2 > **CINEMA: ARTE, CIÊNCIA, CULTURA**

QUARTA

AUDITÓRIO

EDIFÍCIO NOVO, PISO 0

AUDITÓRIO

SALA 12

9 MAIO

10H30 - 12H30

MESA 3 > **CINEMA, ANTROPOLOGIA E REPRESENTAÇÕES**

10H30 - 12H30

MESA 4 > **CINEMA E ESCOLA**

14H00 - 16H00

MESA-REDONDA > **REVOLUÇÕES NO/DO CINEMA**

QUINTA

AUDITÓRIO

SALA 12

AUDITÓRIO

10 MAIO

10H00 - 13H00

SEMINÁRIO > **WORK IN PROGRESS**

10H30 - 12H30

MESA 5 > **CINEMA E INTERSEÇÕES**

14H00 - 16H00

MESA 6 > **CINEMA E IMAGEM**

14H00 - 16H00

MESA 7 > **CINEMA E ENSINO**

SEXTA

AUDITÓRIO

SALA 4

SALA 3

SALA 4

8 MAIO
QUARTA-FEIRA
11H00-12H30

PALESTRA INAUGURAL

Auditório

Do Cinema como Arte Melancólica

Maria Brás Ferreira

Mestre em Estudos Portugueses, com a tese “Modos de Cindir para Continuar: uma leitura de A Noite e o Riso e Estação, de Nuno Bragança”, pela Universidade Nova de Lisboa, onde se encontra a tirar o doutoramento, preparando uma tese sobre Agustina Bessa-Luís e Manoel de Oliveira, a partir do conceito de melancolia. Bolseira FCT, participou em antologias, tendo publicações, de poesia e ensaio, em revistas nacionais e internacionais. Publicou dois livros de poesia: Hidrogénio (ed. Flan de Tal, 2020) e Rasura (ed. Fresca, 2021). É co-editora da revista Lote. Faz crítica de arte na Umbigo Magazine. Faz crítica literária em diversos locais, tais como na Colóquio-Letras e no Observador.

Resumo

Ver cinema compreende uma tomada de posição do espectador (de que o realizador é o primeiro exemplo). Prende-se, com efeito, com uma certa disposição no espaço e no tempo. A imagem no ecrã e a experiência que do filme o espectador faz, são responsáveis por uma nova arquitectura: um novo dentro e fora, a formação de uma fronteira ténue que, enquanto objecto artístico, carecente de um exterior e de um outro que o signifiquem - por reconhecimento e deformação daquilo que numa primeira instância reconhece -, tende a uma confluência multidireccional dos territórios, impedindo a definição absoluta dos seus limites.

Já é antiga a identificação do cinema e, mais concretamente, da experiência de ver um filme, com a experiência onírica do sonho. Ver um filme será, com efeito, equiparável a sonhar acordado? Ou não comportará a visualização de um filme, por outro lado, um certo adormecimento, a activação de um estado sonâmbulo, advindo de um encantamento, possibilitador da aceitação do diferente, do improvável e do inverosímil? Ora, a melancolia - curiosamente aproximada, por Michel Foucault, ao sonho, a partir de uma coincidência etimológica - define, antes de mais, uma patologia associada a uma determinada forma de estar, isto é, a uma certa disposição do sujeito. Além da vertente clínica e sintomatizada do conceito, a melancolia - mais enquanto forma de estar do que forma de ser - é análoga à vertigem a que a experiência da arte está potencialmente associada, por via de uma indistinção entre sujeito e objecto, pela confusão entre interior e exterior, situando-se o sentido do filme numa zona de contaminação, sem geografia exacta. Ao tomarmos as imagens no ecrã por objectos a serem vistos e analisados, estamos igualmente a fazer de nós (espectadores) parte integrante de um jogo cinematográfico, assim configurado num desdobramento reflexivo, em mise en abyme, nos termos do qual o espectador concentra as funções de sujeito e objecto, agente e peça de um jogo maior, inapreensível na sua totalidade. A melancolia, responsável pela separação contígua entre sujeito melancólico e realidade constitutiva, instaura um contínuo entre sujeito e espaço, e este como ecrã em cuja superfície paradoxalmente o primeiro cai: sujeito que vê o real como sendo outro, experienciando um estado de dissociação, ao mesmo tempo que integra o real como ecrã a ver. Trata-se de uma forma de presença (a presença melancólica) eminentemente projectiva, de que o cinema é correlato, na condição de projecções sucessivas de imagens entre tempos, multiplamente reformuladas, possuídas e geradas pelo olhar do espectador. Na arte, a queda melancólica para a profundidade virtual de uma superfície pode concorrer, contrariamente ao que sucede com os doentes melancólicos propriamente ditos, para a sugestão de um sentido. Pensaremos,

com efeito, no cinema como arte melancólica: da imagem melancólica ao espectador melancólico.

Moderação: Tomé Quadros

Tomé Quadros, doutor em Ciência e Tecnologia das Artes, especialização em Cinema e Audiovisuais, pela Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, com a avaliação final de summa cum laude com 19 valores, é Diretor Pedagógico, Presidente do Conselho Pedagógico e membro do Conselho Científico na Escola Superior de Artes e Design - ESAD (Matosinhos, Portugal). É Professor Adjunto na Escola Superior de Artes e Design - ESAD (Matosinhos, Portugal) e membro integrado no Centro de Investigação em Artes e Design - ESAD-IDEA (Matosinhos, Portugal). É docente convidado nos programas de licenciatura em Artes Plásticas e Tecnologias Artísticas na Escola Superior de Educação do Politécnico de Viana do Castelo, e de mestrado da Faculdade das Artes e Humanidades na Universidade de São José na Região Administrativa Especial de Macau - República Popular da China. Desde o corrente ano de 2024, Tomé Quadros é membro da Comissão de Avaliação na Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES, Portugal), na qualidade de perito nacional em investigação e prática artística. É coordenador participante no âmbito da iniciativa Portugal Entre Patrimónios, desde 2018, organizado pelo Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC, Lisboa - Portugal), em parceria com a ESAD-IDEA (Matosinhos - Portugal). Do trabalho académico que tem vindo a ser desenvolvido, destacam-se as apresentações na Alemanha, China, Japão e Portugal. Das publicações académicas: Social transformation in the eyes of contemporary Chinese cinema and Dogme 95 capítulo publicado no livro (Inter)cultural Dialogue Through Arts and Media pela Senses Publishers (ISBN: 978- 94-6300-421-3); editor do livro Image in the Post-Millennium - Mediation, Process and Critical Tension (ISBN 978-94-93148-60-4) ESAD-IDEA e Onomatopee Publisher. Ao longo da última década, Tomé Quadros esteve envolvido na realização e produção, artística e projetual. De salientar, os filmes realizados em 2016 e 2006 Macau Reframe e Nam Van Square presentes respectivamente na Bi-City Biennale de Urbanismo e Arquitectura, Shenzhen, República Popular da China, e na 10ª Mostra Internacional de Arquitectura da Bienal de Veneza, Itália. Assim como, Mosaico, um desenho coletivo (2022) coordenação e participação em representação da esad-idea no âmbito do 8º encontro do projeto nacional/ Projeto Portugal entre Patrimónios (23 novembro, Museu Nacional de Arte Contemporânea - MNAC, Lisboa); e In between this and something else (2021) exposição do artista Nuno Cera, Galeria da Biodiversidade - Reitoria da Universidade do Porto, coordenação Magda Seifert e Tomé Quadros, produção ESAD-IDEA (Matosinhos - Portugal).

8 MAIO
QUARTA-FEIRA
12H30-13H00

ESE-IPVC, Edifício novo, Piso 0
INAUGURAÇÃO DE EXPOSIÇÃO
SODITNES

Esta exposição reúne um conjunto de imagens dedicadas aos cinco sentidos e às vivências do quotidiano, concebidas no âmbito da unidade curricular de Fotografia, por alunas e alunos do 2º ano da Licenciatura em Artes Plásticas e Tecnologias Artísticas da Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Viana do Castelo, no ano letivo 2023/2024. Exposição patente até 17 de maio de 2024. Organização: Eduarda Dias, Marta Miranda e Professora Raquel Moreira Cartaz: Renata Baptista

8 MAIO
QUARTA-FEIRA
14H00-16H00

MESA 1 . Auditório
FOTOGRAFIA, ARQUIVO E PESQUISA
Moderação: João Gigante

1.
Kindel: Poéticas de Vanguardia en los Pueblos de la Colonización

Hernando Gómez Gómez
Universidad Rey Juan Carlos
hernando.gomez@urjc.es

Doctor Europeo cum laude, por la Universidad Complutense de Madrid (Facultad de Bellas Artes). Licenciado en Publicidad y RR.PP por la Universidad Complutense de Madrid (Facultad de Ciencias de la Información). Ha impartido lecciones

magistrales en Università der Künste de Berlín, Università di Bologna, Università degli Studi di Torino, Libera Università di lingue e comunicazione IULM (Milán), y colaboraciones con Coventry University entre otras. Además, ha realizado estancias de investigación de larga duración en la Universidade de Coimbra (Portugal) y Università di Bologna (Italia). Participa en el grupo de investigación consolidado en Comunicación y Cultura digital (URJC) Ciberimaginario, abordando el análisis de la Comunicación interactiva e inmersiva (ámbito educativo y cultural). Ha formado parte del cuerpo investigador del grupo CERES-Éticas Contemporáneas (Universidad Europea de Madrid), del grupo investigación "Tesoros vivos de la televisión en España" (Academia de RTVE), y como soporte audiovisual y asesoramiento externo en el grupo "Industrias de la memoria: identidad, relatos y memoria de Argentina, Chile, Paraguay y Uruguay en el nuevo milenio" (UNED), en el proyecto "Memoria histórica e Infancia. Dictadura en Argentina" (UNED). Investigador especialista en Estudios Audiovisuales y las Bellas artes, siendo sus principales líneas de investigación la construcción del lenguaje fotográfico, concretamente la fotografía científica, memoria histórica y archivo fotográfico, educación e imagen. Todo ello abordado a través de la poética visual. Amplia experiencia en el sector audiovisual, concretamente en el reporterismo gráfico, especializándose en Informativos y Deportes, cubriendo grandes crisis internacionales (Conflictos armados, catástrofes naturales, elecciones presidenciales, campeonatos del mundo de fútbol, motosGP, Roland Garros, UEFA, Champions League...). Sus clientes fueron los principales canales de televisión nacional y medios internacionales como BBC, CNN, RAI, Eurosport, FranceTv... Actualmente continúa trabajando en la elaboración de proyectos artísticos fotográficos y editoriales.

Palavras-chave: Joaquín de Palacio «Kindel», Fotografía, Pueblos de Franco, Instituto Nacional de Colonización, Arquitectura de vanguardia

Resumo

“Entre los años 1936 y 1939 España vive una guerra civil marcada por un gran periodo devastador. El elevado coste humano sumió a la nación en una enorme depresión y decadencia que el régimen vencedor – el bando nacionalista a las órdenes de Francisco Franco – no pudo pasar por alto. El enorme desabastecimiento y la falta de recursos que se vivió tras el fin de la guerra obligó al régimen a una reconstrucción urgente de la España rural. Por ello, y siguiendo un proyecto pensado previamente en la II República española se crea el Instituto Nacional de Colonización (INC). Dicha institución contempla la construcción de unos 300 pueblos nuevos surgidos de la nada, proporcionando así una combinación sin precedentes de arquitectura, ingeniería y agronomía, que contribuirán al desarrollo de la agricultura de regadío en las cuencas de los principales ríos peninsulares españoles entre 1943 y 1971. Miles de familias fueron desplazadas a estos lugares para incrementar la producción agrícola y, sobre todo, evitar el abandono de las zonas rurales que las sociedades del momento estaban provocando al huir a las ciudades en busca de una oportunidad laboral. José Tomás Alarcón (Responsable de la sección de arquitectura del INC) y José Luis Fernández del Amo (Creador y director del Museo de Arte Contemporáneo entre 1952 y 1958) comienzan un proyecto en el que involucraron a decenas de artistas y arquitectos jóvenes sin experiencia. Los movimientos artísticos de vanguardias como el Racionalismo, Suprematismo o la Pintura metafísica, entre otros, fueron su principal fuente de inspiración para dar vida a esta nueva forma de entender el entorno rural con todas sus necesidades urbanísticas. Esta comunicación ahonda en el legado fotográfico que dejó el fotógrafo Joaquín de Palacio «Kindel». Fue quien mejor retrató la modernidad llevada a cabo en los pueblos de la Colonización y quien mejor supo demostrar los valores plásticos de la nueva arquitectura del siglo XX. Sus imágenes poéticas, fuera de la exaltación del Régimen franquista, otorgan una narrativa absolutamente imprescindible para el entendimiento del valor artístico de estas localidades. Sin duda, sus fotografías de alta calidad sirvieron para mostrar al mundo este proyecto arquitectónico sin precedentes.”

2.

A raiz e a voz

Priscila Santos Oliveira

Diversitas-USP/Centro de Estudos Sociais
priscila.santos.oliveira@usp.br

Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) desde 2005. Líder do grupo de Pesquisa Observatório Cidade e Porto. Pesquisadora dos grupos RASURAS, Laboratório de Comunicação e Cotidiano - ComC, Laboratório de Estudos em Criatividade e Tendências - Lecet e Sociedade Miatizada e Práticas Comunicacionais Contemporâneas. Áreas de atuação e temas de pesquisa: design; fotografia; tecnologias contemporâneas da comunicação; mídia, cotidiano e sociabilidades. Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela UFES. Mestre em Design pela PUC-Rio. Doutora em Design pela PUC-Rio, com doutorado sanduíche realizado com bolsa CAPES junto ao Laboratório de Antropologia Visual/CEMRI da Universidade Aberta (Porto, Portugal).

Palavras-chave: história de vida, poesia, desenho, prisão

Resumo

“Hoje eu sou a mulher que a raiz cresceu junto com a minha voz”. Nos últimos anos estive mergulhada em narrativas alheias. Histórias que não são as minhas, mas que poderiam ser. Ao longo do processo de escrita de uma tese de doutorado me vi diante das histórias de vida de diferentes pessoas. Algumas acessadas somente por meio da escrita, já publicada, chancelada pela academia; outras entrevistadas por mim, mais próximas, diria até “mais reais”. Dentre estas últimas, há a história de Joana, mulher, distante de sua terra natal, egressa do sistema prisional paulista, autora da sentença que inaugura este parágrafo, e que teve a sua vida atravessada pela prisão e pelas artes. Enquanto esteve encarcerada, conheceu um sarau, que fermentou nela a paixão pela escrita e pelo desenho. Ao longo de nossa conversa, além do gravador, do som da chuva e das palavras, passeamos os olhos por desenhos, vários deles. Poesia, flores, mãos, olhos, retratos e autorretratos. Com sua permissão, fotografei alguns e nestas linhas busco resgatar o que as palavras, e a reprodução das imagens, permitem capturar. Uma história de vida que, superando silenciamentos, inspira-nos a erguer a voz.

3.

A trivialidade diária e a fuga ao “overwhelmed” através do imaginário fotográfico

Hernâni Oliveira

ESMAD

40230008@esmad.ipp.pt

Natural de Valença do Minho, nasceu em 1983. Teve os seus primeiros contactos com arte, no curso de Artes Gráficas, prosseguiu estudos e licenciou-se em Educação Visual e Tecnológica, onde aprofunda os seus conhecimentos artísticos e realiza a sua tese de licenciatura intitulada “Na Margem da Arte”. Atualmente é mestrando em Cinema e Fotografia na Escola Superior de Media Artes e Design do IPP, é professor/formador, e, realiza trabalhos de Fotografia e Design. Participa regularmente em exposições e concursos de arte.

Cristina Castro

uniMAD-IPP | CIEBA | CIAUD-UPT

cristinacastro@esmad.ipp.pt

Cristina Castro nasceu no Porto em 1974. A sua obra tem como estrutura a materialização de possibilidades da ideia de fluxo, em desenho e pintura, dando visibilidade àquilo que tendo presença é invisível. Expõe desde 1995, Eu estava lá?, Museu dos Lanifícios (2023), Água sobre água, Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (2023), XX Bienal Internacional de Arte de Cerveira (2018), 4º Bio-Art Contest, Gwacheon (2016), Motel Coimbra, Colégio das Artes da U.C. (2016), Antipodes, Galeria UNA, Bjärred (2012), Entrada Livre, Galeria 9Arte, Lisboa (2010), Na Linha da Data Internacional, Artland, Bombaim (2006), entre outros. É doutorada em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da U. C., mestre em Museologia e Património Cultural pela Faculdade de Letras U.C. e licenciada em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Lecciona na Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto e na Universidade Portucalense.

Maria Adriana Baptista

uniMAD-IPP | ID+ - UA

mab@esmad.ipp.pt

Atualmente, professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Teoria da Imagem, Semiótica e Metodologias de Investigação nas licenciaturas de Fotografia, Multimédia, Cinema e Audiovisual e no Mestrado de Cinema e Fotografia. É doutorada pela FLUL em Psicolinguística, Leitura de Texto e Imagem e investigadora em Literacia Verbal e Visual, responsável por vários projetos de Investigação e orientadora de vários Mestrados em Fotografia e Cinema Documental.

Olívia Marques da Silva

uniMAD-IPP | ID+ - UA

oliviamarquesilva@esmad.ipp.pt

OLÍVIA DA SILVA Porto, Portugal 1962. Doutorada em Fotografia pela Faculdade de Arte e Design da Universidade de Derby, Reino Unido em 2000. Boleira do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Português de Fotografia, entre 1998 e 2000. Desde 1992, docente do Instituto Politécnico do Porto (IPP), onde coordena, presentemente, no Campus 2 de Vila do Conde, na qualidade de Presidente da Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD). membro do Conselho Geral do P.Porto, membro do Conselho de Gestão do P.Porto, membro do Conselho de Coordenação do Centro de Cultura do P.Porto. Presidente do Conselho Técnico Científica da Escola Superior de Música Artes e Espetáculo, entre 2013 e 2015, Diretora do Departamento de Artes da Imagem, entre 2004 e 2012 e Coordenadora do Mestrado em Comunicação Audiovisual de Cinema e Fotografia, entre 2009 e 2015. Colaboradora nas Equipas de Análise das Propostas de Novos Cursos de

Fotografia da A3es desde 2014. É autora e coautora de obras de investigação sobre representação fotográfica e identidade social e cultural. Pertence à Comissão Científica dos Cadernos IRI e Scientific Board da Sophia Journal, Editora e Autora Associada da Scopio. Participa com regularidade em várias conferências nacionais e internacionais na qualidade de palestrante (em 2023: <https://ceau.arq.up.pt/Elia/> / Évora - <https://elia-artschools.org/> OR Universidade de Santiago de Compostela - <https://estudiosaudiovisuais.org/fx-ollos-para-ver/>). Em 2019 inicia um Projeto Fotográfico em S.Luis do Maranhão, Brasil no âmbito da parceria de investigação do consórcio IPP/ESMAD/Unimad e IFMA/NUPPI com incidência na prática artística fotografia documental contemporânea e Programa de Travessias Visuais. Experiência, vivência, memória e imaginários entre Pará e Portugal. Em 2023 participa na exposição itinerante Rostos da Maré com 4 obras do projeto fotográfico com o mesmo nome. Olívia Marques da Silva, Ph.d., Mphil-Ph.d., MA Estudos Fotográficos.

Palavras-chave: Cristina Castro, Hernâni Oliveira, Maria Adriana Baptista, Olívia Marques da Silva

Resumo

A pressão social para cumprir rotinas mecânicas, e múltiplas tarefas, resulta numa sensação de sobrecarga e dispersão, assente na complexidade da sociedade contemporânea e no impacto da trivialidade nas acções diárias. A falta de uma instância que forneça um propósito na vida conduz cada indivíduo a reinventar a sua existência, levando-o a assumir diversos papéis e responsabilidades. A necessidade de registar criativamente a fuga à disfunção emocional, inspirada na poesia e na gravura, leva a explorar universos imaginários para encontrar conforto e novas perspectivas diante das demandas do quotidiano. A heteronímia poética em Fernando Pessoa cria o múltiplo dentro do um e a subversão de planos em M.C. Escher dá-nos o que sentimos como espaço oximorótico. Nesta proposta, a técnica fotográfica é utilizada para materializar a sensação de 'overwhelmingness', abordando a relação entre o real e o encenado, para desafiar a percepção, interpretação e a vivência do observador. Ao explorar a manipulação das cenas e a representação simbólica das escadas como alegoria central, pretende-se criar um conjunto de imagens polissémicas que materializem diferentes sensações. A obra fotográfica pretende contribuir para um diálogo sobre as pressões sociais e as exigências da vida moderna, permitindo uma reflexão sobre as influências individuais e sociais na forma de agir e reagir ao quotidiano. Ao questionar a natureza da imagem fotográfica como representação fiel da realidade, pretende-se desafiar o observador para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e estruturas sociais que moldam a nossa existência.

4.

A fotografia do detalhe contemporâneo como registo do passado pelo vestígio

Francisco Monteiro Alves

ESMAD

franciscofmalves@gmail.com

Natural de Vila das Aves, Francisco Alves é licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho e mestrando em Cinema e Fotografia na Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto. Durante a licenciatura, teve o primeiro contacto com fotografia, tanto em contexto académico, como em atividades extracurriculares, e com o audiovisual, em geral. Foi por duas vezes distinguido nos prémios Curtas CC, pelos trabalhos audiovisuais desenvolvidos enquanto aluno de Ciências da Comunicação, nas categorias de Animação (2023) e Videoclípe (2024).

Olívia Marques da Silva

uniMAD-IPP | ID+ - UA

oliviamarquesilva@esmad.ipp.pt

OLÍVIA DA SILVA Porto, Portugal 1962. Doutorada em Fotografia pela Faculdade de Arte e Design da Universidade de Derby, Reino Unido em 2000. Bolseira do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Português de Fotografia, entre 1998 e 2000. Desde 1992, docente do Instituto Politécnico do Porto (IPP), onde coordena, presentemente, no Campus 2 de Vila do Conde, na qualidade de Presidente da Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD). membro do Conselho Geral do P.Porto, membro do Conselho de Gestão do P.Porto, membro do Conselho de Coordenação do Centro de Cultura do P.Porto. Presidente do Conselho Técnico Científica da Escola Superior de Música Artes e Espetáculo, entre 2013 e 2015, Diretora do Departamento de Artes da Imagem, entre 2004 e 2012 e Coordenadora do Mestrado em Comunicação Audiovisual de Cinema e Fotografia, entre 2009 e 2015. Colaboradora nas Equipas de Análise das Propostas de Novos Cursos de Fotografia da A3es desde 2014. É autora e coautora de obras de investigação sobre representação fotográfica e identidade social e cultural. Pertence à Comissão Científica dos Cadernos IRI e Scientific Board da Sophia Journal, Editora e Autora Associada da Scopio. Participa com regularidade em várias conferências nacionais e internacionais na qualidade de palestrante (em 2023: <https://ceau.arq.up.pt/Elia/> / Évora - <https://elia-artschools.org/> OR Universidade de Santiago de Compostela - <https://estudiosaudiovisuais.org/fx-ollos-para-ver/>). Em 2019 inicia um Projeto Fotográfico em S.Luis do Maranhão, Brasil no âmbito da parceria de investigação do consórcio IPP/ESMAD/Unimad e IFMA/NUPPI com incidência na prática artística fotografia documental contemporânea e Programa de Travessias Visuais. Experiência, vivência, memória e imaginários entre

Pará e Portugal. Em 2023 participa na exposição itinerante Rostos da Maré com 4 obras do projeto fotográfico com o mesmo nome. Olivia Marques da Silva, Ph.d., Mphil-Ph.d., MA Estudos Fotográficos.

Cristina Castro

uniMAD-IPP | CIEBA | CIAUD-UPT
cristinacastro@esmad.ipp.pt

Cristina Castro nasceu no Porto em 1974. A sua obra tem como estrutura a materialização de possibilidades da ideia de fluxo, em desenho e pintura, dando visibilidade àquilo que tendo presença é invisível. Expõe desde 1995, Eu estava lá?, Museu dos Lanifícios (2023), Água sobre água, Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (2023), XX Bienal Internacional de Arte de Cerveira (2018), 4º Bio-Art Contest, Gwacheon (2016), Motel Coimbra, Colégio das Artes da U.C. (2016), Antipodes, Galeria UNA, Bjärred (2012), Entrada Livre, Galeria 9Arte, Lisboa (2010), Na Linha da Data Internacional, Artland, Bombaim (2006), entre outros. É doutorada em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da U. C., mestre em Museologia e Património Cultural pela Faculdade de Letras U.C. e licenciada em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Lecciona na Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto e na Universidade Portucalense.

Maria Adriana Baptista

uniMAD-IPP | ID+ - UA
mab@esmad.ipp.pt

Atualmente, professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Teoria da Imagem, Semiótica e Metodologias de Investigação nas licenciaturas de Fotografia, Multimédia, Cinema e Audiovisual e no Mestrado de Cinema e Fotografia. É doutorada pela FLUL em Psicolinguística, Leitura de Texto e Imagem e investigadora em Literacia Verbal e Visual, responsável por vários projetos de Investigação e orientadora de vários Mestrados em Fotografia e Cinema Documental.

Palavras-chave: Banalidades, Memória, Morte, Fotografia, Documental

Resumo

Desde sempre, e talvez para sempre, uma questão que inquieta o ser humano está relacionada com o que está reservado para nós após a morte. Mais do que discussões sobre o lugar da alma, do espírito e da mente, pretendemos discutir e experimentar captar o aspeto físico do corpo e do mundo que segue sem nós. Depois de nós, o que fica? Neste sentido, é explorada a ausência humana através dos vestígios da sua presença, do que deixamos ficar e da forma como o mundo nos reclama de novo para si. Apresentando como referências os trabalhos fotográficos de Paul Seawright, “Sectarian Murder” (1988), e Peter Finemore, “Gwendraeth House” (iniciado nos anos 80), a fotografia, como medium, surge numa abordagem de captura e registo do aparentemente banal, capaz de mostrar implicitamente a ideia do vestigial e de construir uma outra memória, recuperando o vivido, que não foi registado fotograficamente. O registo sequencial num espetro diacrónico põe em evidência a noção do tempo contínuo e imparável, mas a amplitude de enfoques num dado momento pode evocar o passado através do vestígio contemporâneo.

5.

A resignificação da fotografia vernacular – o ato de reescrever o arquivo fotográfico manipulando a memória

Emanuel Marques Constantino

ESMAD
emanuelmconstantino@gmail.com

Fotógrafo independente, licenciado em Fotografia pela Escola Superior de Media Artes e Design, do Politécnico do Porto. O seu principal foco são projetos ligados ao documentário. Movido pela curiosidade e descoberta, aborda temas e grupos na sociedade que atuam, trabalham e vivem a um ritmo diferente do considerado ‘moderno’. O arquivo e a fotografia vernacular também são áreas que explora e aborda. Atualmente frequenta o Mestrado em Cinema e Fotografia - Especialização em Fotografia - na Escola Superior de Media Artes e Design.

Maria Adriana Baptista

uniMAD-IPP | ID+ - UA
mab@esmad.ipp.pt

Atualmente, professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Teoria da Imagem, Semiótica e Metodologias de Investigação nas licenciaturas de Fotografia, Multimédia, Cinema e Audiovisual e no Mestrado de Cinema e Fotografia. É doutorada pela FLUL em Psicolinguística, Leitura de Texto e Imagem e investigadora em Literacia Verbal e Visual, responsável por vários projetos de Investigação e orientadora de vários Mestrados em Fotografia e Cinema Documental.

Olívia Marques da Silva

uniMAD-IPP | ID+ - UA
oliviamarquessilva@esmad.ipp.pt

OLÍVIA DA SILVA Porto, Portugal 1962. Doutorada em Fotografia pela Faculdade de Arte e Design da Universidade de Derby, Reino Unido em 2000. Bolseira do Serviço de Belas Artes na Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Português de Fotografia, entre 1998 e 2000. Desde 1992, docente do Instituto Politécnico do Porto (IPP), onde coordena, presentemente, no Campus 2 de Vila do Conde, na qualidade de Presidente da Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD). membro do Conselho Geral do P.Porto, membro do Conselho de Gestão do P.Porto, membro do Conselho de Coordenação do Centro de Cultura do P.Porto. Presidente do Conselho Técnico Científica da Escola Superior de Música Artes e Espetáculo, entre 2013 e 2015, Diretora do Departamento de Artes da Imagem, entre 2004 e 2012 e Coordenadora do Mestrado em Comunicação Audiovisual de Cinema e Fotografia, entre 2009 e 2015. Colaboradora nas Equipas de Análise das Propostas de Novos Cursos de Fotografia da A3es desde 2014. É autora e coautora de obras de investigação sobre representação fotográfica e identidade social e cultural. Pertence à Comissão Científica dos Cadernos IRI e Scientific Board da Sophia Journal, Editora e Autora Associada da Scopio. Participa com regularidade em várias conferências nacionais e internacionais na qualidade de palestrante (em 2023: <https://ceau.arq.up.pt/> Elia / Évora - <https://elia-artschools.org/> OR Universidade de Santiago de Compostela - <https://estudiosaudiovisuais.org/fx-ollos-para-ver/>). Em 2019 inicia um Projeto Fotográfico em S.Luis do Maranhão, Brasil no âmbito da parceria de investigação do consórcio IPP/ESMAD/Unimad e IFMA/NUPPI com incidência na prática artística fotografia documental contemporânea e Programa de Travessias Visuais. Experiência, vivência, memória e imaginários entre Pará e Portugal. Em 2023 participa na exposição itinerante Rostos da Maré com 4 obras do projeto fotográfico com o mesmo nome. Olivia Marques da Silva, Ph.d., Mphil-Ph.d., MA Estudos Fotográficos.

Cristina Castro

uniMAD-IPP | CIEBA | CIAUD-UPT
cristinacastro@esmad.ipp.pt

Cristina Castro nasceu no Porto em 1974. A sua obra tem como estrutura a materialização de possibilidades da ideia de fluxo, em desenho e pintura, dando visibilidade àquilo que tendo presença é invisível. Expõe desde 1995, Eu estava lá?, Museu dos Lanifícios (2023), Água sobre água, Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (2023), XX Bienal Internacional de Arte de Cerveira (2018), 4º Bio-Art Contest, Gwacheon (2016), Motel Coimbra, Colégio das Artes da U.C. (2016), Antipodes, Galeria UNA, Bjärred (2012), Entrada Livre, Galeria 9Arte, Lisboa (2010), Na Linha da Data Internacional, Artland, Bombaim (2006), entre outros. É doutorada em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da U. C., mestre em Museologia e Património Cultural pela Faculdade de Letras U.C. e licenciada em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Lecciona na Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto e na Universidade Portucalense.

Palavras-chave: massificação imagética, memória, fotografia vernacular, herança, família

Resumo

A produção fotográfica não esteve desde o seu início acessível a todas as faixas sociais. As elites foram as primeiras precursoras daquilo que se denominou inicialmente de invento fotográfico. Pelo custo associado às técnicas vigentes à época, o passo para a democratização deste meio só foi possível pela intervenção de figuras hoje reconhecidas na história da fotografia, como André Disdéri e George Eastman. Todavia, a quantidade de acontecimentos evolutivos (sociais, económicos, tecnológicos) levou a que rapidamente se presenciasse um espoletar da criação imagética, mesmo que o panorama atual evidencie já uma enorme mudança. No que se refere à quantidade, a criação diária de imagens hoje corresponde, em média, àquela registada anualmente na metade do século passado; a noção de caos ruidoso foi incluída na produção de imagens de forma forçada, em parte, alimentada pela era do digital. Ainda assim, não deixa de existir a tentativa constante – e obcecada – do fotógrafo, em mostrar e criar aquilo que ainda não foi visto e explorado (vivendo constantemente numa “impossibilita”), com a consequência do depósito de mais imagens. Tornam-se necessárias soluções que desacelerem uma criação desenfreada, e, a manipulação criativa e plena de sentidos complexos de “found photography” por Joachim Schmid é um caminho plausível para uma hipótese de produção eivada de reciclagem fotográfica. Não só da estratégia de Schmid, mas essencialmente da ressignificação da fotografia vernacular, nasce um

olhar promissor no combate à massificação da imagem. David Bate afirma que a fotografia, contrariamente à pintura, dá certezas de que algo aconteceu ou esteve presente. No campo do vernacular a manipulação da memória pessoal/coletiva pode tornar-se uma estratégia imprescindível para a reinterpretação e fusão de dois tempos, numa nova abordagem, por onde nos movimentamos experiencialmente, fazendo circular entre tempos e espaços memórias e momentos distintos de captação do real, criando pela sua sínquise, novos significados.

8 MAIO
QUARTA-FEIRA
14H00-16H00

MESA 2 . Sala 12

CINEMA: ARTE, CIÊNCIA, CULTURA

Moderação: Raquel Rato

6.

Franquismo e Democracia através do documentário espanhol

Carlos Ruiz Carmona

UCP/CITAR

carlosruizcarmona@gmail.com

Palavras-chave: Documentário, franquismo, democracia, representação

Resumo

Esta comunicação pretende apresentar pesquisa original que se propõe a analisar a representação da história espanhola através dos filmes documentários cinematográficos, cobrindo o período desde o declínio do regime franquista até os primeiros anos da democracia. O objetivo central desta pesquisa é compreender como diferentes cineastas interpretaram e apresentaram eventos históricos significativos, oferecendo uma visão das complexidades da transição política e social na Espanha. A Espanha, durante a transição do regime autoritário de Franco para a democracia, vivenciou uma fase crucial em sua história. Os documentários produzidos nesse período desempenharam um papel essencial na construção da memória coletiva e na interpretação dos eventos históricos marcantes. Este projeto busca, portanto, examinar de que maneira a representação cinematográfica desses eventos contribui para a compreensão da identidade espanhola contemporânea. Os objetivos desta pesquisa são multifacetados. Em primeiro lugar, almejamos analisar a evolução da representação histórica nos documentários espanhóis, destacando mudanças temáticas e estilísticas ao longo do tempo. Em segundo lugar, pretendemos apresentar como diferentes cineastas abordaram e interpretaram eventos específicos, como a Guerra Civil Espanhola, a ditadura franquista e a transição para a democracia. Essa abordagem permitirá uma compreensão mais profunda das diferentes perspectivas presentes na cinematografia documental espanhola. Outro ponto crucial é a identificação das influências políticas e sociais que moldaram a produção documental nesse contexto histórico. Examinaremos as escolhas dos cineastas à luz das pressões políticas e das mudanças sociais, proporcionando uma análise mais completa das forças que moldaram a narrativa documental na Espanha. Além disso, Por último também pretende-se apresentar o impacto desses documentários na construção da memória coletiva e na percepção pública dos eventos históricos abordados. Entender como essas representações audiovisuais contribuem para a formação da memória coletiva é crucial para compreender a influência duradoura desses documentários na sociedade espanhola.

7.

Wim Wenders:

As derivas dun cineasta europeo singular

Miguel Angel Castelo Agra

Ábrago Filmes

abragofilmes@gmail.com

Miguel Castelo, logo de abandonar a súa profesión de mariño mercante, atraído polo mundo da comunicación, realiza o estudos de Ciencias da Información, na especialidade de Imaxe e Son, na Universidade Complutense de Madrid, onde se licencia en

1976. En 1979, crea a marca produtora ÁBRAGO FILMES e, tras uns anos dedicado a labores de xornalismo en prensa, radio e TV e á realización de labores de organización e difusión na primeira etapa da Dirección Xeral de Cultura da Xunta de Galicia, retoma en 1990 a actividade de produción e realización cinematográficas. Ten escrito traballos (artigos, informes, entrevistas, reportaxes) sobre cinema, teatro e outros aspectos da cultura en diversas publicacións e xornais galegos e de fóra de Galicia, impartido cursos sobre narrativa audiovisual e efectuado colaboracións en TVE en Madrid, no seu Centro Territorial de Galicia e na TVG. Así mesmo, ademais de traballar, realizando labores diversos, na maior parte das producións galegas dos 70, foi membro fundador da, xa desaparecida, empresa audiovisual "Trama", pioneira en Galicia na especialidade do vídeo industrial. A súa primeira realización como guionista e director, O pai de Migueliño, foi seleccionada nos máis importantes encontros cinematográficos españois (San Sebastián, Valladolid, Bilbao, Gijón...) e estranxeiros (Oberhausen, Moscova, Utrecht, Londres) e galardoada co Premio da Crítica no V Certamen Internacional de Films Cortos "Ciudad de Huesca" e cunha Mención Especial na XIX Setmana Internacional del Cinema de Barcelona. O seu último traballo polo momento, O desexo, obtivo o Gran Premio do Cinema Español do XXXVI Festival Internacional de Cinema Documental e de Curtametraxe de Bilbao, o Prémio Especial do Xuri e o Prémio da Organización do Festival Internacional de Cinema do Algarve, o Tatu de Prata á Melhor Fotografía do XXII Festival Internacional de Cinema de Bahía e o Premio AEC á Mellor Fotografía en la VI Semana Internacional de Cinema Experimental de Madrid. Así mesmo, ademais de ser incluído no Panorama de Cinema Español do XVI Festival Internacional do Novo Cinema Latinoamericano da Habana, do Curtocircuíto de Nápoles 96 e do II Festival Internacional do Cortometraggio de Siena, O desexo foi seleccionado oficialmente para tomar parte nos festivais internacionais de Mannheim-Heidelberg, Huy, Namur, Alcalá de Henares e Torelló, nas súas edicións cuadrexésimo cuarta, trixésimo quinta, terceira, vixésimo quinta e décimo cuarta, respectivamente. En calidade de produtor executivo, levou a cabo Isolina do Caurel, de Chema Gagino, e O matachín, de Jorge Coira (Premio á Mellor Curtametraxe no I Festival de Cinema Independente de Ourense).

Palavras-chave: Literatura, Música, Mito, Viaxe, Filosofía, Autoconhecimento, Cinefilia, Fracaso, Renuncia

Resumo

A estrea do seu último filme, *Perfect Days*, logo de dous documentais -*El Papa Francisco: un hombre de palabra* (2018) e *Anselm* (2023), pon de novo o foco sobre a figura de Wim Wenders. Con 78 anos, o director alemán conta no seu haber -ademais das curtas previas e as numerosas exposicións realizadas ao longo da súa andaina profesional- cun total de trinta longametraxes. Un conxunto de títulos diversos nos que se advirten etapas diferentes e a presenza de elementos comúns. Esta comunicación constitúe un achegamento a este cineasta e ao seu mundo persoal a través deste apartado máis coñecido da súa obra cinematográfica.

8.

A cozinha francesa e o guia Michelin: debate sobre a innovación, a partir de "The Hundred-Foot Journey" de Lasse Hallström

Fernando Cruz

Universidade Federal do Pará
fmrcruz@gmail.com

Fernando Manuel Rocha da Cruz é Doutor Europeu em Sociologia (2012). Possui Mestrado em Ciências Sociais (2014), Licenciatura em Antropologia (2001) e Licenciatura em Direito (1991). Foi Professor Auxiliar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2013-2019) e Professor Visitante Sênior na Universidade Federal do Pará, no Campus de Abaetetuba (2022-2023). Atualmente, é Professor colaborador no Programa de Pós-graduação em Cidades, Territórios e Identidades, no Campus de Abaetetuba (UFPA) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa - 2 (CNPq), Brasil.

Palavras-chave: cozinha francesa, cozinha indiana, gourmetização, talento, tematização, tradição

Resumo

O filme, lançado a 28 de agosto de 2014, com o título original "The Hundred-Foot Journey" e, em Portugal com o título "A 100 Passos de um Sonho", é dirigido por Lasse Hallström e, tem como protagonistas Helen Mirren, Om Puri e Manish Dayal. Trata-se de uma comédia dramática, passada em Saint-Antonin-Noble-Val, no sul da França, que com a chegada de uma família indiana e a abertura de um restaurante indiano, por parte destes, dá início a uma guerra concorrencial com o restaurante "Le Saule Pleureur" que possui uma estrela Michelin. Da oposição e concorrência inicial entre ambos, há lugar à complementaridade e aliança, no decorrer do mesmo. O objetivo da presente comunicação é efetuar um debate e análise socioantropológicos da gastronomia enquanto património cultural e, nomeadamente, da sua relação com a tradição, a inovação, a tematização e a gourmetização. A abordagem metodológica é qualitativa e tem por base, para além, da necessária revisão bibliográfica, a pesquisa e análise documental e filmica. A partir desta pesquisa, concluímos que a ideia tradicional da gastronomia francesa passa pela necessidade da inovação, a partir da gourmetização e da concorrência premiada cuja sublimação passa pela conquista de estrelas Michelin. Complementar à oferta alimentar

assume igual importância a tematização dos restaurantes quer na cozinha francesa, quer na cozinha indiana.

9. Produção literária e narrativa fílmica em *A menina e o mar*, de Gabriel Mellin

Rita Márcia Magalhães Furtado

UFG

rmmfurtado@ufg.br

Graduada em Pedagogia (UCG, 1987), Mestre em Educação (UFG, 2000), Doutora em Educação (Unicamp, 2007). Realizou estágio pós-doutoral em Sociologia da Arte na Université Paris 3 - Sorbonne Nouvelle (2014) e em Educação na Universidade de Lisboa (2022). Professora Associada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, atuando nas licenciaturas e no Programa de Pós-Graduação em Educação, no qual está vinculada à linha de pesquisa Cultura e Processos Educacionais. É pesquisadora e coordenadora do grupo de pesquisa NEVIDA/FE/UFG e coordenadora do grupo de estudos Estética, educação e processos de criação.

Sônia Maria Rodrigues

UFG

sonia@ufg.br

Professora Faculdade de Educação FE/UFG. Mestre em Educação/ UFG (2001). Graduação em Pedagogia/UCG/ Goiás (1988). Pesquisadora no projeto Arte, psicanálise e educação: procedimentos estéticos no cinema e as vicissitudes da infância. Coordenadora Projeto de Extensão Sessão Corujinha. Membro Nevida/FE/UFG.

Palavras-chave: Cinema, Estética, Narrativa fílmica, Experiência sensível, Literatura

Resumo

Neste trabalho propomos uma análise do filme *A menina e o mar*, de Gabriel Mellin, baseado no livro *O menino e o mar*, de Lulu Lima, na qual pretendemos abordar, numa perspectiva macro, a relação da produção literária com a narrativa fílmica, bem como, no sentido estrito, analisar a especificidade da relação do corpo com o sensível do mundo. A interação que a menina tem com o mundo é sensorial e sensível, o garoto, tomado por um medo, tem uma limitação imposta pelo racional e o tecnológico com o mundo, que o impede de expandir tais possibilidades por ela experienciadas. A sequência das cenas ressalta o sensível com a primazia estética do filme no qual ambos se transformam a partir do diálogo entre eles estabelecido. Ao enfatizar estes elementos, buscamos em autores como Merleau-Ponty, David Le Breton, André Bazin e Linda Hutcheon, as referências conceituais que dão suporte à nossa análise.

10. Uma interjeição contida: Paterson de Jim Jarmusch

Daniel dos Santos Tavares

ESE-IPVC

danieltavares@ese.ipvc.pt

Professor Adjunto na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e da Universidade do Minho, no Instituto de Ciências Sociais. Licenciou-se em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Universidade do Minho, onde se doutorou com a tese “Do autorretrato poético: leituras interartísticas na poesia portuguesa contemporânea”. É ainda investigador do Centro de Estudos Humanísticos, membro do Grupo de Investigação em Identidade(s) e Intermedialidade(s) – Grupo 2i. Tem desenvolvido investigação em torno da poesia, do (auto)retrato, com especial enfoque, mais recentemente, em questões sobre o envelhecimento e a extinção.

Palavras-chave: Poesia, cinema, flâneur, quotidiano

Resumo

Em *Paterson* (Jim Jarmusch, 2016), o poeta cultiva um ethos que denota um modo de leitura do mundo e da poesia que engendra a figura de um flâneur contemporâneo “sem qualidades”. A flânerie é contida e controlada, percorrendo rotas previsíveis e inscrevendo-se na lógica da “inescusável realidade urbana e económica (no sentido lato)” (Manuel de Freitas,

2002). Se Baudelaire apelidara “casa” às ruas de Paris, as viagens de Paterson são revelação de um cotidiano que é tão somente aquilo que é. A poesia surge como uma interjeição contida nesse cotidiano e é dado a ver em profundidade, através de camadas das referências intertextuais que compõem a longa-metragem. Como um mosaico de citações, as referências são tão variadas como Dante, Petrarca, William Carlos Williams ou Ron Padgett. Da monotonia do cotidiano à poesia flat, Paterson incorpora este Ulisses pós-moderno que volta diariamente a uma Penélope, também ela, “sem qualidades”.

9 MAIO
QUINTA-FEIRA
10H30-12H30

MESA 3. Auditório

CINEMA, ANTROPOLOGIA E REPRESENTAÇÕES

Moderação: Frederico Dinis

11. **Entre o Enquadramento e a Imagem: Os Arquivos Etnográficos e as Noções de Memória e Representação na Antropologia Visual**

Renato Athias

UFPE

renato.athias@ufpe.br

Palavras-chave: Hupd’äh, arquivos, etnografia, antropologia visual

Resumo

A partir da realização do filme “As palavras encantadas dos Hupd’äh da Amazônia – Mestre de Saberes Narrados por Renato Athias” procura-se problematizar os arquivos etnográficos, seja pela sua propriedade transtemporal e, sobretudo, a memória e as narrativas imagéticas trazidas para uma atualidade, tendo como pano de fundo contexto etnográfico específico das populações indígenas da região do Alto Rio Negro da qual os Hupd’äh fazem parte. Esta apresentação visa debater os elementos teóricos e metodológicos a partir das noções antropológicas de memória e representação que contextualizam o uso de arquivos imagéticos na produção de uma antropologia visual, debatendo de uma maneira geral a produção de documentários etnográfico na atualidade.

12. **Poéticas, políticas e estéticas agenciadoras da imagem em defesa do território quilombola do Camburi**

Guilherme Rezende Landim

Unicamp

g265432@dac.unicamp.br

Doutorando em multimeios pela Unicamp.

Palavras-chave: cinema, estética, Camburi, quilombo, antropologia, imagem

Resumo

No contexto de expansão urbana e mudanças climáticas globais, os desafios enfrentados pelos povos originários e comunidades tradicionais clamam por conquista de espaço nas tomadas de decisão em direção à justiça climática e à garantia da terra. Na Comunidade Quilombola do Camburi (Ubatuba/SP), essa problemática é agravada pelo histórico de intensa repressão por parte dos órgãos estatais, bem como pela implementação da Rodovia Rio-Santos, que possibilitou o acesso à região, resultando em turismo predatório e transformação dos modos de vida locais. Além disso, os desastres

ambientais têm se intensificado, impactando diretamente na preservação do patrimônio cultural e integridade material do quilombo. Nesse cenário, o documentário “Camburi Resiste” é proposto como uma das iniciativas do projeto “Net Zero: Heritage for Climate Action” (ICCROM/International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property), utilizando a imagem cinematográfica como uma ferramenta da antropologia visual que busca traçar caminhos para mapear questões socioambientais por meio das narrativas dos atores sociais envolvidos. Ao ouvir residentes e lideranças em entrevistas semiestruturadas, filmadas com um método de trabalho específico voltado para o campo, a equipe identificou questões que afetam diretamente esse território, suas dinâmicas de ocupação, potencialidades, riscos e desafios. Ao exibirmos e suscitarmos olhares de pertencimento e novos agenciamentos a partir da linguagem audiovisual, propomos esse trabalho como parte do etnodesenvolvimento dessa comunidade na perspectiva de capacitar e fortalecer a visibilidade do Camburi. O documentário Camburi Resiste trata das memórias afetivas da Comunidade Quilombola do Camburi, em Ubatuba (SP). As narrativas orais e visuais dos(as) quilombolas são pensadas como o germinar das plantas, atravessados por dinâmicas de ocupação do território, riscos e mudanças climáticas que afetam seu desenvolvimento. A vulnerabilidade e a injustiça climática, as questões ambientais, o patrimônio cultural, natural e alimentar são alguns dos principais eixos narrativos desse território resistente em constante conflito. Acreditamos que o filme Camburi Resiste encontra-se em consonância com o debate a respeito do cinema como agenciamento metodológico e reflexivo para pensar o território de uma comunidade vulnerável, que sofre historicamente por violências de várias frentes, principalmente do sistema. Assim, nos questionamos: o que pode o cinema face à violência do Estado?! Quais são os limites e potencialidades da Antropologia e das Ciências Sociais como campos de pesquisas?! Mesmo que não interferindo diretamente na realidade local, mas trazendo memórias coletivas sobre traumas sociais de catástrofes ambientais de um território em constante disputa. Desse modo, compreendemos a urgência de novos métodos de trabalho e pesquisa que se “apropriem” de ferramentas alternativas, criativas, inventivas e até mesmo fabuladoras para possibilitar existências/resistências diante do capitaloceno ecocida. O Camburi, uma comunidade quilombola/caiçara, que tem um povo aguerrido, como os remanescentes Carapevas, já foi atravessado por uma rodovia que assoreia os rios, gera vários deslizamentos, trouxe também o turismo predatório, feito sem estudo, sem respeito à cultura do território, além da violenta invasão de dois Parques, O da Serra do mar e da Serra da Bocaina, no qual a legislação afetou fortemente o modo de vida e a cultura local, não deixando com que tivessem seu cultivo básico de subsistência, não poderiam fazer manutenções em suas moradas e mais recentemente as fortes chuvas que deixam a comunidade isolada, sem acesso pelas estradas ou pelo mar agitado. Trata-se de uma comunidade que vive diante de vários dilemas, inclusive internos de políticas da associação comunitária, das disputas pelos espaços de quiosques na praia pelos vendedores de fora e pelas invasões em terrenos. Diante de todas essas questões, a comunidade tenta viver em harmonia, resistir diante do caos, das transformações sociais bruscas que atravessaram nos últimos anos. Portanto, propusemos um documentário, por meio da antropologia visual, para abarcar as memórias, as lutas, as narrativas diversas, os sonhos desse território em disputas.

13.

Cinema e Representação:

Novas perspectivas sobre periferias urbanas brasileiras e portuguesas

Ronivan de Sousa Vieira

FCSH/UNL

ronivan.sousavieira@gmail.com

Ronivan de Sousa Vieira é cineasta e professor na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal desde 2014. Atualmente ele é doutorando do curso de Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (2023/2024) onde pesquisa Cinema e Território. Possui as seguintes formações acadêmicas: Mestre em Artes Cênicas, Universidade Nova de Lisboa, concluído em 19 de abril de 2021, Lisboa, Portugal, Especialização em Videografia e Fotografia, Université Bordeaux Montaigne, concluído em 17 de junho de 2020, Bordeaux, França, Bacharel em Artes Cênicas e Interpretação Teatral, Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, concluído em 15 de julho de 2013, Brasília, Brasil, Docência do Ensino Superior, Instituto de Ciências Sociais e Humanas, concluído em 14 de maio de 2014, Brasília, Brasil

Palavras-chave: Cinema Contemporâneo, Brasil, Portugal, Representação, Periferias Urbanas

Resumo

Nesta comunicação, abordaremos a problemática das representações estereotipadas e negativas dos moradores de territórios periféricos e marginalizados do Brasil no cinema contemporâneo. Constatamos que essas representações têm o potencial de reforçar preconceitos e estigmas, contribuindo para a perpetuação de visões distorcidas e funcionando

como mecanismos de opressão contra essa população. Levando em conta essas questões, nossa discussão estará centrada nos desafios relacionados à responsabilidade social do cinema. Para tanto, analisaremos a representação de territórios periféricos através da análise de obras cinematográficas produzidas em periferias urbanas brasileiras entre 2002 e 2019. Os filmes selecionados para esta análise comparativa são “A cidade é uma só?” (Adirley Queirós, 2011), “Temporada” (André Novais, 2018) e “Cidade de Deus” (Fernando Meirelles, 2002), nos quais destacaremos suas abordagens estilísticas, temáticas e representacionais. Nosso objetivo é explorar as complexidades, contradições e responsabilidades sociais presentes nessas obras. Além disso, discutiremos as implicações sociais, políticas e culturais relacionadas aos conceitos de território, representação e representatividade apresentadas nessas produções cinematográficas.

14.

Cadáveres, fantasmas e panoramas.

Uma pré-história do cinema a partir de Walter Benjamin e Alexander Kluge

Susana Camanho

ESE-IPVC

susanacamanho@ese.ipvc.pt

Susana Camanho (Porto, 1971) é doutorada em Filosofia (Estética), pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Barcelona, e licenciada em Artes Plásticas – Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. É membro do Sismógrafo, um espaço independente do Porto, com um programa contínuo de exposições de artes visuais, screenings, performance, música experimental e literatura (<http://www.sismografo.org>). É curadora do ciclo de conferências “Imagens de Pensamento”, organizado pelo Sismógrafo desde 2020, editora e tradutora da coleção Cadernos Imagens de Pensamento. É docente na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Palavras-chave: Imagens urbanas, entretenimento, cinema, esfera pública

Resumo

Partindo das investigações levadas a cabo pelo filósofo Walter Benjamin, trataremos de pensar o universo das imagens urbanas e do entretenimento no período imediatamente anterior à invenção do cinema. Duas perguntas dão origem a esta apresentação: Que imagens se viam em Paris durante o século XIX, antes da invenção do cinema? Como se divertiam as pessoas, o coletivo que mais tarde formaria a massa de espectadores? Deambulando pela cidade, ao longo dos bulevares, os habitantes de Paris, a capital do século XIX, como lhe chamava Walter Benjamin, mergulhavam nas histórias que a imprensa relatava, entregavam-se ao prazer de olhar. As passagens, ruas interiores cobertas de ferro e vidro, eram lugares de encontro, de passeio, de divertimento e de compras. Respondiam à moda em plena expansão, tal como os grandes armazéns responderiam ao sistema de produção industrial de mercadorias, inaugurando o comércio de massas. Os panoramas, a Morgue, o Museu Grévin, a própria imprensa de massas, anunciavam a moderna “indústria da cultura”. A cidade como espetáculo unia os parisienses. Já não eram citoyens, agrupados por um impulso revolucionário, exigindo transformações sociais, mas espectadores ávidos da próxima novidade, de alguma coisa que ocupasse o seu tempo livre. Com os irmãos Lumière, na Europa, e Edison, nos Estados Unidos da América, surge o cinema e, com ele, um novo universo de imagens, uma nova esfera pública, como nos diz o realizador e escritor alemão Alexander Kluge.

15.

Cinema direto, cinema verdade em Antropologia e Cinema

José da Silva Ribeiro

UFPE

jsribeiro.49@gmail.com

Licenciado em Filosofia pela Universidade do Porto, bacharel e Cinema pela Escola Superior Artística do Porto, Mestre em Comunicação Educacional Multimédia, Doutor em Antropologia com incidência em Antropologia Visual / Antropologia e Cinema. Fui professor em Universidades em Portugal, França, Espanha, Brasil e Argentina, coordenei Grupos de Investigação, orientei algumas dezenas de dissertações e teses. Atualmente coordeno o Grupo de Estudos Cinema e Narrativas Digitais da AO NORTE – Associação de produção e Animação Audiovisual, coordeno o FORA DE CAMPO – Curso de Verão integrado no MDOC- Festival Internacional de Documentário de Melgaço e participo em diversos júris de Festivais de Cinema e de Provas Académicas e desenvolvo o Projeto de pesquisa e produção audiovisual: ENTRE IMAGENS – Cinema para todas as idades. Professor visitante da Universidade Federal de Pernambuco.

Palavras-chave: Cinema direto, cinema verdade, antropologia e cinema, situação antropológica, empatia cinética / cine transe

Resumo

Em 1992, organizei com Marc Piauxt o I Seminário de Antropologia Visual em Portugal. Pretendia-se dar continuidades a este projeto e contar com a presença frequente de Marc Piauxt na consubstanciação deste projeto. As limitações e os objetivos da uma universidade de Ensino a Distância talvez não tenham considerado este projeto como relevante para a universidade. Foram porém, de início, criadas as condições para a criação da Disciplina de Antropologia Visual no Mestrado em Relações interculturais e a criação de um grupo de pesquisa – Laboratório de antropologia visual e neste âmbito desenvolvida pesquisa e apresentação de algumas dissertações de mestrado e tese de doutoramento. Foi neste âmbito que desenvolvemos uma longa colaboração com o Brasil e múltiplos encontros com Marc Piauxt. Poderei dizer que o seminário de 1992 moldou a antropologia na Universidade Aberta. Em 2023 criamos um curso curto de antropologia visual na AO NORTE que se desenvolveu num projeto de ensino e pesquisa – antropologia, cinema e educação em curso pela primeira vez em 2024. Também em 2024 participei na apresentação do curso de Antropologia Visual Universidade de xxx. Convidado para apresentar a aula 7 - Cinema direto, cinema verdade do curso de Piauxt na TVABA. É desta aula e do dia dedicado a esta ao Seminário de 1992 que procurarei trazer algumas notas de reflexão sobre Cinema direto, cinema verdade em Antropologia e Cinema. A aula tem cerca de 2 horas da fala de Piauxt divididas em 9 capítulos e mais de quarenta filmes referidos, mais que uma aula é uma proposta para um longa jornada de pesquisa da qual apresento apenas algumas notas.

9 MAIO
QUINTA-FEIRA
10H30-12H30

MESA 4 . Sala 12

CINEMA E ESCOLA

Moderação: Carlos Almeida

16.

Literacia Fílica e Promoção do Sucesso Escolar: diálogos entre o Cinema e a Educação na Oficina Aprender com o Cinema

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso

IPPortalegre

lmc Cardoso@ipportalegre.pt

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso é Doutorado pela Universidade de Coimbra em Línguas e Literaturas Modernas, na especialidade de Literatura Comparada (Literatura e Cinema). Professor Adjunto na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre, é investigador do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa. As suas áreas e lecionação e investigação incluem as Ciências da Linguagem e da Comunicação, Literacias e Literatura e Cinema.

Palavras-chave: educação e cinema, literacia fílica, inovação pedagógica, sucesso escolar

Resumo

Os professores e educadores encontram no mundo contemporâneo uma miríade de desafios, nomeadamente a imperiosa necessidade de conjugar referenciais programáticos com a vertigem da torrente de informação audiovisual que nos cerca, a sua compreensão e incorporação na sala de aula, motivando os alunos, correspondendo às suas expectativas e mobilizando o universo das literacias. Simultaneamente, urge formar cidadãos com pensamento crítico e dotados de ferramentas para uma leitura e descodificação da sociedade contemporânea, em correlação com uma visão diacrónica e sincrónica da história da Humanidade. Neste sentido, o professor tem à sua disposição literacias e skills para a compreensão audiovisual do mundo que pode mobilizar em sala de aula, capacitando os estudantes para a análise e reflexão crítica, convocando caminhos da contemporaneidade, como a literacia fílica. Deste modo, criámos uma oficina de formação intitulada Aprender com o Cinema, com o objetivo principal de trazer o cinema para a sala de aula como uma estratégia dinâmica permitindo a reflexão e a colaboração interdisciplinar, que tem contribuído para uma maior inclusão do cinema

nas práticas pedagógicas como uma estratégia válida para a obtenção de resultados em consonância com os DAC e o PASEO, mobilizando os docentes e cativando os alunos. Este artigo apresenta os resultados da realização destas oficinas, e mostra o caminho inspirador para uma aproximação entre cinema e educação, ampliando a galeria de inovações pedagógicas à luz da promoção da literacia fílmica e do seu contributo, igualmente, para a promoção do sucesso escolar.

17. Pedagogias, andragogia e cinema

Manuela Benvinda Vieira Gomes Cachadinha

ESE-IPVC

mcachadinha@ese.ipvc.pt

Manuela Benvinda Vieira Gomes Cachadinha é Professora do Instituto Politécnico do Viana do Castelo, onde leciona desde 1985 na Escola Superior de Educação. É membro do Conselho-Técnico Científico da Escola Superior de Educação. É Doutorada em Educação, na especialidade de Educação e Interculturalidade pela Universidade Aberta. É Mestre em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa e Licenciada em Sociologia pela mesma Universidade. É investigadora integrada do Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI) e investigadora colaboradora do Pólo IPVC do Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED) do Instituto Politécnico do Porto. Tem realizado trabalho de investigação sobretudo nas áreas da Sociologia, da Cultura, da Educação, da Interculturalidade e do Envelhecimento. Tem publicado diversos trabalhos de investigação e artigos em revistas nacionais e internacionais.

Palavras-chave: Pedagogias, Andragogia, Cinema, Filmes, Cultura, Interculturalidade

Resumo

Com esta comunicação pretende-se refletir sobre as possibilidades pedagógicas do cinema na escola e na sociedade a partir da sua apropriação / fruição e análise em contextos de formação. Nos últimos anos, temos vindo a trabalhar, em sala de aula, diversos filmes com o intuito de melhor motivar os nossos alunos para determinados conteúdos e conceitos contidos nos programas das unidades curriculares que lecionamos, na área das Ciências Sociais e Humanas. Temos explorado e aprofundado conceitos como, por exemplo, cultura, multiculturalidade, interculturalidade, comunidade, envelhecimento e velhice. Neste contexto, temos procedido de duas diferentes formas: ora propondo aos alunos que visionem e analisem um determinado filme, previamente selecionado por nós, a partir de determinados tópicos para reflexão, ora convidando os alunos a escolherem, eles próprios, um determinado filme para análise a partir de determinados conceitos previamente apresentados e discutidos na aula. Estas duas estratégias pedagógicas têm conduzido a diferentes resultados que, globalmente, consideramos positivos pois contribuíram para que os alunos se envolvessem mais ativamente em matérias que, se fossem lecionadas de forma tradicional e expositiva, seriam, certamente, menos interessantes para muitos deles. O cinema tem-nos permitido estabelecer uma maior e melhor conexão entre a teoria e as realidades sociais e culturais. Embora o cinema e os filmes apresentem, geralmente, situações ficcionadas, o recurso aos filmes e ao cinema permite-nos efetuar aproximações à vida em sociedade, à cultura e à organização social. Importa salientar que os nossos alunos são maioritariamente adultos pois, quase todos, têm mais de 18 anos e são alunos de uma Instituição de Ensino Superior. Assim, é pertinente falar de pedagogias e também de andragogia ligadas ao cinema.

18. Colaboração adulto-criança em animação: das oficinas práticas à transmediação do desenho infantil

Maria Margarida Pessanha

ESD-IPCA

didi_kid@hotmail.com

Maria Margarida Pessanha (1998). Licenciada em Ciências da Educação e estudante do mestrado em Ilustração e Animação, Maria passa os dias a pensar em desenhos, procurando novas maneiras de contar histórias, através de personagens coloridas, pertencentes ao universo do cartoon e da imaginação. Nos últimos anos tem-se focado em trabalhar animação com um público geral, tendo dinamizado workshops em festivais como o AMADORA BD e o CINANIMA, em paralelo ao seu envolvimento ativo nos projetos de cinema em escolas do Cine Clube de Viseu.

Marta Madureira

ID+ - IPCA

Marta Madureira é ilustradora e Professora Adjunta na Escola Superior de Design do IPCA - Instituto Politécnico do Cávado e Ave, em Portugal. Tem vindo a lecionar nas áreas da imagem e é Diretora do Mestrado em Ilustração e Animação. É licenciada em Design Gráfico e Mestre em Design de Imagem pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Tem Título de Especialista em audiovisuais e produção dos media - especialidade ilustração. É membro colaborador do ID+ - The Research Institute for Design, Media and Culture, no Grupo CAOS. Faz parte da organização da CONFIA - Conferência Internacional de Ilustração e Animação.

Diana Maria Martins

ESD-IPCA, CIEC_UM
dmmartins@ipca.pt

Diana Maria Martins é professora adjunta convidada do IPCA – Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (Escola Superior de Design) e investigadora do Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), da Universidade do Minho. É doutorada em Estudos da Criança, na especialidade de Literatura para a Infância, pela Universidade do Minho. Desenvolve a sua investigação em torno da Literatura Infantil, da educação literária e da ilustração, dedicando-se particularmente aos livros-objeto e aos livros-brinquedo. Participa periodicamente em seminários e conferências nesta área e publica regularmente nestas áreas de estudo.

Palavras-chave: desenho infantil, animação 2D, Colaboração adulto-criança, produções other than, transmediação

Resumo

Ao longo da História da arte ocidental é-nos possível observar a existência de vários momentos em que a inovação emergiu de um retorno aos fundamentos do desenho. É disto exemplo o final do século XIX, em que a complexa e variada imagética da altura veio a despoletar uma necessidade de romper com a tradição. Como tal, e de modo a inovar num contexto de saturação, muitos artistas viram-se obrigados a procurar novos modelos e inspirações, encontrando na produção infantil novas formas, mais espontâneas e criativas, de ver e representar o mundo (Arnheim,1998) (Fineberg,1997). Se nos centrarmos na contemporaneidade, verificamos que são vários os artistas que assumem encontrar inspiração nos traços da infância, procurando aproximar-se do modo desprendido como a criança cria, movida pela mera fruição que o ato de riscar, carimbar, cortar e rasgar lhe trazem. São “só” Rabiscos surge como um projeto de animação acerca da imaginação e dos processos criativos, criado a partir da exploração gráfica e narrativa do desenho infantil. Assente num conjunto de oficinas gráficas com crianças pertencentes a três escolas do pré-escolar e do 1ºCEB do distrito de Viseu, este projeto procura refletir acerca das potencialidades e das possibilidades advindas da colaboração adulto-criança, no campo da animação. Para tal, explora conceitos como a cocriação adulto-criança (Wilson,2007), a apropriação (Midlej,2018) e a transmediação, procurando dar vida aos desenhos e histórias das crianças, através de uma re-invenção respeitosa dos seus contributos. Por conseguinte, com este artigo pretende-se dar a conhecer o projeto, promovendo um maior entendimento acerca das metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas, assim como das especificidades inerentes a este tipo de colaboração. Tenciona-se ainda partilhar algumas reflexões atinentes aos resultados e aos desafios que têm acompanhado este processo de transmediação do desenho infantil para animação.

19.

Cineclubes no Ensino Médio: formação e protagonismo estudantil

Thaisy de Carvalho Rocha Gomes

CEP Professor Goiany Prates
thaisycrgomes@gmail.com

Mestre em Ensino na Educação Básica. Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado de Goiás. Coordenadora no Colégio Estadual Polivalente Professor Goiany Prates.

Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

UFG
maria.carvalho@ufg.br

Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. Goiás. Brasil.

Palavras-chave: Cineclube. Ensino Médio. Formação. Protagonismo Estudantil

Resumo

Esta comunicação apresenta o Cineclube Goiany e suas principais contribuições aos alunos do Ensino Médio em uma escola pública estadual de Goiás. A pergunta que orientou sua criação foi a seguinte: como um cineclube escolar colaboraria na formação e o protagonismo dos alunos do Ensino Médio no Colégio Estadual Polivalente Professor Goiany Prates, na cidade de Goiânia, Goiás? Para isso, realizou-se uma pesquisa-ação, com base nos seguintes autores: Freire (1996), Limeira (2015), Venturini e Medeiros (2018), Rizzo Junior (2011), Migliorin (2015), dentre outros. A abordagem de análise foi qualitativa, com o cuidado de participar, acompanhar e registrar o processo de criação e implementação do cineclube, mediante as devidas autorizações de imagem e áudio, bem como apresentar a produção de curtas e/ou outras produções audiovisuais realizadas pelos estudantes participantes. Observou-se o comprometimento dos estudantes para a concretização do cineclube, o Cine Goiany, sendo que os mesmos criaram um canal próprio no Youtube, um site e do mesmo modo realizaram o Festival de Curta Metragem Cine Goiany, com a participação de toda a comunidade escolar. Pôde-se constatar que as atividades realizadas pelo cineclube relacionadas à linguagem cinematográfica/audi visual (exibição de filmes, debates, oficinas de formação, produção de curtas e festival) possibilitou aos estudantes uma experiência educativa autônoma, criativa e articulada a sua realidade social. Eles ampliaram seus conhecimentos sobre a linguagem explorada, bem como compartilharam e construíram conhecimento.

9 MAIO
QUINTA-FEIRA
14H00-16H00

MESA-REDONDA . Auditório

REVOLUÇÕES NO/DO CINEMA

O cinematógrafo, verdadeira revolução científica e técnica no século XIX que fascinou os primeiros espetadores, ao procurar temas para futuras realizações não podia ficar insensível ao potencial dramático de episódios históricos. Revoluções com os seus heróis e heroínas, os seus atos de violência e de bravura, as suas declarações e proclamações surgem como assunto de filmes. Não é pois de estranhar que Georges Hatot realize para os irmãos Lumière em 1897 dois filmes históricos sobre os fins trágicos de figuras maiores da Revolução Francesa, Marat e Robespierre. Por seu turno, em 1908 a Revolução Americana é retratada no *The Spirit of '76* de Francis Boggs e a revolta de trabalhadores e marinheiros que antecede a Revolução Russa é encenada por Sergei Eisenstein n' *O Couraçado Potemkin*, filme rodado em 1925 na cidade portuária de Odessa na atual Ucrânia. Este pioneirismo na representação no movimento da História será seguido por outros países como Portugal. Manuel Maria da Costa Veiga, fundador em 1899 da primeira empresa produtora e distribuidora de filmes, realiza em 1910 a Revolução de 5 de Outubro que será exibido em várias localidades, nomeadamente em Ponte de Lima, sessões de cinema amplamente noticiadas de que falará Ana Catarina Amorim de Lima. Mas outras revoluções serão objeto de filmes portugueses como, em 1937, *A Revolução de Maio*, filme de propaganda de António Lopes Ribeiro sobre Salazar e o Estado Novo. Película evocada oitenta e três anos mais tarde por João Botelho numa mise en abyme no filme *O Ano da Morte de Ricardo Reis* de que nos falará André Campos. Gerald Bär evocará a ausência no circuito comercial português antes do 25 de Abril de 1974 de filmes tematizando revoltas estudantis de finais da década de 1960. Deste momento de experimentação patente na revolta de estudantes da Universidade da Sorbonne em Maio de 1968, que encontra eco um ano mais tarde em Portugal com a Crise Académica, falará Luís Gonçalves. O 25 de Abril de 1974, cujos acontecimentos encontram-se plasmados em filmes de ficção e documentários, está igualmente representado de forma subjetiva em *Amanhã de Solveig Nordlund* (2004) curta metragem de 15 minutos e a de uma equipa de reportagem suíça em *As Ondas de Abril (Les Grandes Ondes)* de Lionel Baier (2013), longa metragem de 85 minutos.

Moderação: Luís Carlos Gonçalves (IELT-FCSH)

COMUNICAÇÕES

As primeiras referências ao cinematógrafo em Ponte de Lima: uma revolução cultural em contexto rural?

Ana Catarina Amorim de Lima

CLA – Ponte de Lima

Resumo

A realidade social do período que atravessa o final do século XIX e o início do século XX caracteriza-se por um conjunto de transformações que conduzem à queda do regime monárquico e à ascensão dos ideais republicanos, já consolidados na opinião pública e na emergência dos movimentos sociais. Num contexto marcado por mudanças, as primeiras sessões cinematográficas são exibidas, oficialmente em 1896, na capital, estando a par desse acontecimento a imprensa como um forte instrumento de divulgação e promoção da estreia do cinematógrafo, gerando uma onda de entusiasmo geral (Pina, 1986). Assim, a “imagem em movimento” revelou-se, desde logo, uma revolução tecnológica e cultural, capaz de despoletar a iniciativa de particulares e empresários em localidades rurais, a fim de reunirem as condições técnicas e as estruturas físicas para a exibição das primeiras películas, como é o caso da vila de Ponte de Lima, em 1907. Neste trabalho de pesquisa, com o recurso a notícias de fontes primárias (Imprensa Periódica), classificadas por Pina (1986) como “elementos preciosos para a investigação do nosso passado fílmico”, procura-se contextualizar a chegada do cinematógrafo a Ponte de Lima, as condições técnicas e o impacto das sessões cinematográficas, dando enfoque a algumas películas referidas nos jornais locais.

A «Revolução de Maio» em «O ano da morte de Ricardo Reis»: diálogo estético e ideológico

André Campos

UAb

Resumo

O cinema é, desde sempre, um território privilegiado para a representação das revoluções políticas. Essa re-representação pode assumir vários ângulos, dos apologéticos e propagandísticos aos críticos e subversivos. O filme *O ano da morte de Ricardo Reis* (2020), de João Botelho, adaptação do romance homónimo (1984) de José Saramago, inclui uma sequência que recria a rodagem de *A Revolução de Maio* (1937), de António Lopes Ribeiro, título maior da propaganda salazarista. No cinquentenário da chamada Revolução dos Cravos, a reflexão que propomos tem como ponto de partida esta representação do cinema (de 1937) pelo cinema (de 2020) e detém-se no diálogo encetado pela lente de Botelho, aqui valorizado enquanto recriação intencionada e historicamente situada não apenas de um objecto cinematográfico, mas sobretudo do seu universo referencial.

A revolta estudantil que não aconteceu nem nas universidades, nem nos ecrãs portugueses

Gerald Bär

UAb

Resumo

Esta retrospectiva sobre a receção de vários filmes de longa-metragem que tematizam a revolta estudantil no final dos anos 60 analisa publicações em revistas especializadas portuguesas. Serão abordados problemas da estetização da violência, do potencial subversivo de filmes, tal como:

. *La Chinoise* (O Maoísta), Jean-Luc Godard, 1967 (Fr); *If ...*, Lindsay Anderson, 1968 (GB); *Alice's Restaurant*, Arthur Penn, 1969 (US); *The Strawberry Statement*, Stuart Hagmann, 1970 (US); *Zabriskie Point*, Michelangelo Antonioni, 1970 (US).

O objetivo desta apresentação será encontrar e debater as razões para a ausência destes filmes no circuito comercial português e as consequências políticas desta ausência. Algumas respostas encontram-se nos arquivos da censura da Torre do Tombo. A abordagem implica também a análise de determinados efeitos que a representação visual da violência pode ter e o implícito dilema entre as categorias éticas e estéticas, incluindo a relevância da banda sonora e a ligação com os protestos anti-guerra.

10 MAIO

SEXTA-FEIRA

10H00-13H00

SEMINÁRIO . Auditório

WORK IN PROGRESS

Coordenação: Paulo Cunha (UBI)

Integrado nos programas da Conferência Internacional de Cinema de Viana e dos Olhares Frontais, o Work in Progress (WiP) pretende apresentar e debater presencialmente projetos de investigação em desenvolvimento no contexto de mestrado e doutoramento da área de cinema, audiovisual e novos média.

RESPONDENTES:

Felipe Muanis

UTAD

Glaura Cardoso Vale

UFMG

PARTICIPANTES:

“Vozes dissonantes no documentário Dundo, memória colonial, de Diana Andringa: embates de narrativas”

Márcio Aurélio Recchia

FFLCH, Universidade de São Paulo

“Liturgia para um novo mundo: O pós-humano no Cinema”

Gonçalo Almeida

Universidade da Beira Interior

“Uma Impressão de Irrealidade Quase Dolorosa” - Variações da Melancolia em Fanny Owen, de Agustina Bessa-Luís e Francisca, de Manoel de Oliveira.

Maria Brás Ferreira

FCSH - NOVA

10 MAIO

SEXTA-FEIRA

10H30-12H30

MESA 5 . Sala 4

CINEMA E INTERSEÇÕES

Moderação: Raquel Moreira

20.

Queerness in animation: Intersectional approach for representing diversity in character design

Mariana Martins

IPCA

marianacvmartins00@gmail.com

Paula Tavares

ID+ | IPCA

Jorge Brandão Pereira

ID+ | IPCA

Palavras-chave: Representation, queerness, animation, contemporary young adult western animated TV series, queer characters

Resumo

Collins and Bilge (2020) explain that “intersectionality investigates intersecting power relations influence social relations across diverse societies as well as individual experiences in everyday life”. Every part of a person’s life, like age, gender, ethnicity and sexual orientation, are correlated and affect the experiences one lives. It “has become a threshold concept for understanding differences in power and inequality within social groups”, according to Bayrakdar and King (2023). This project aims to analyse queer representation in contemporary young adult western animated TV series, considering its intersectionality. In order to accomplish that, a database of queer characters, and their characteristics, in this type of medium will be created. A few tv shows fitting this description will be chosen in order to allow a deeper investigation. Following this analysis, a narrative will be constructed, as well as its characters, having in mind the findings of the theoretical research. A character sheet divided in two different parts will be created for each character to be developed: the first half containing the character’s information, and finally its design.

21.

Entrada Livre

Rosane Vasconcelos Zanotti

UFES

rosanezanotti@gmail.com

Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) desde 2005. Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela UFES, tem mestrado e doutorado em Design pela PUC-Rio, com doutorado sanduíche realizado com bolsa CAPES junto ao Laboratório de Antropologia Visual/CEMRI da Universidade Aberta (Porto, Portugal). Líder do grupo de Pesquisa Observatório Cidade e Porto e pesquisadora dos grupos Rasuras e Laboratório de Pesquisa em Tecnologias Criativas. Atua com os temas design, fotografia, tecnologias contemporâneas da comunicação, mídia, cotidiano e sociabilidades.

Fábio Gomes Goveia

UFES

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades e do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor Visitante no Departamento de Sociologia da City University of London (2019-2020). Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011), instituição pela qual também é mestre em Comunicação e Cultura (2005). Possui graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela UFES (1999). Coordena o Laboratório de Internet e Ciência de Dados (Labic), com foco em Visualizações de Dados e pesquisas de Data Science.

Fabio Luiz Malini de Lima

UFES

Professor Associado IV no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde

coordena o LABIC (Laboratório de Pesquisa sobre Imagem e Cibercultura). Atua na pesquisa aplicada no campo da ciência de dados, discursos políticos e análises de redes sociais. É professor do quadro permanente do Programa em Pós-Graduação em Linguística (Mestrado e Doutorado). É autor, em parceria com Henrique Antoun, do livro *Internet e a Rua* (2013). Publica artigos e análises de conjuntura continuamente no site do Labic: <http://labic.net>

Juane Vaillant

UFES

Produtora audiovisual, cultural e escritora. Trabalha principalmente com cultura Hip hop e periférica. Graduada em Rádio e Tv pela FAESA (Faculdades Integradas Espírito Santenses). Integrante do coletivo de literatura Boas de Prosa, da produtora audiovisual Bangladesh e criadora do canal do Youtube Vai Vendo. Educadora/palestrante em oficinas de roteiro, criação de personagem, escrita criativa, comunicação, teatro e social média. Produtora nos curtas: *A Febre*, *Da Curva Pra Cá* e *Inabitáveis*. Diretora na web Série Fagulha e no curta *90 rounds*. Autora dos livros: *O Mundo de Cá*, *Elas em Órbita*, *Algodão Doce* e *Uma Palavrinha*.

Palavras-chave:

Resumo

Este texto trata da realização do documentário *Entrada Livre por jovens do estado do Espírito Santo/Brasil* no âmbito do projeto *Midioteca Capixaba Conectando*. A *Midioteca Capixaba* busca a preservação dos acervos em meio digital e a democratização do acesso aos conteúdos de valor histórico e cultural e, nesse contexto, constituiu o projeto para aproximar as juventudes dos espaços culturais do Estado. O projeto explorou a importância do acesso aos espaços públicos de arte e cultura pela juventude, destacando a importância desses lugares na inclusão social, no estímulo à participação cidadã e no fortalecimento da identidade cultural. Contudo, ao percorrerem estes espaços, os jovens pesquisadores do projeto sinalizaram que não se sentiam convidados ou devidamente acolhidos e, a partir desse incômodo, decidiram realizar um documentário. O resultado é um filme de 20 minutos, que explora as diversas formas de acessibilidade, abordando questões cruciais, como a acolhida nos espaços culturais, a democratização do acesso e a promoção do senso de pertencimento. Além disso, analisa como diferentes grupos de pessoas interagem com espaços públicos e participam da vida cultural da região, examinando barreiras sociais, atitudes dos funcionários e a experiência geral dos visitantes.

22.

As utopias dos CineSéniore

Elsa Cerqueira

ES Amarante

elsacerqueira@esamarante.edu.pt

Vencedora do Global Teacher Prize Portugal 2021 com o projeto “Filosofia com Cinema”. É professora de Filosofia na Escola Secundária de Amarante, onde coordena o Plano Nacional de Cinema e fundou o Clube Filocinema. Mestre na área da Filosofia da Educação, pós-graduada em Filosofia Moderna e Contemporânea e Estudos Especializados em Filosofia para Crianças. Autora, formadora e dinamizadora da oficina de “Filosofia com Cinema para Crianças” (FcCpC), e de sessões com os “CineSéniore” na comunidade. É oradora em congressos sobre Filosofia, Educação e Cinema e júri em festivais de cinema. Presidente da Assembleia Geral da Associação Cultural Quinta Imagem (Casa Museu de Vilar), membro do Conselho Curatorial do Cinanima - Festival Internacional de Cinema de Animação, da Associação de Investigadores da Imagem em Movimento (AIM), da Casa da Animação, da MUTIM (Mulheres Trabalhadoras das Imagens em Movimento), da Magic Lantern Society (UK) e Representante dos Professores do Ensino Secundário no Conselho Municipal de Educação de Amarante. Membro do Júri de Apoio à Produção de Curtas-Metragens de ficção (2022) e Longas-Metragens de Animação (2023) do Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA). Membro do Júri do programa RedEscolas AntiCorrupção, edição 2024.

Palavras-chave: Cinema, CineSéniore, alunos, partilha intergeracional, comunidade

Resumo

Desalojando a educação do seu espaço tradicional e formal – a escola – desafio grupos de jovens alunos a dinamizarem comigo as sessões do clube de cinema “Juventude Cinéfila”, fundado em 2017, por mim e pelo meu ex-aluno, Diogo Gonçalves, na Casa da Boavista, residência sénior, localizada em Amarante. O clube alicerça-se na partilha intergeracional através do Cinema. Os Cineséniore possuem um manancial de experiências, conhecimentos e afetos que urge escutar e dignificar. O que descobrem sobre o filme, sobre si próprios e sobre os outros? Aproximar Pessoas e instituições implica o exercício de uma educação-ação humanizadora e transformadora da comunidade. A presente intervenção visa

clarificar os princípios e as repercussões deste projeto.

10 MAIO

SEXTA-FEIRA

14H00-16H00

MESA 6 . Sala 3

CINEMA E IMAGEM

Moderação: Daniel Tavares

23.

O figurino na simbiose do cinema e a moda: uma proposta metodológica

Carolina Fadigas

UL

carolinamariafp@gmail.com

Carolina Fadigas has a degree and a masters in Fashion Design and a Postgraduation in Cinema. Currently PhD candidate in Media Artes at Lusófona University. Her research focuses on costume design, aiming to contribute to Portuguese cinema studies. Alongside with the academic work, Carolina currently works as costume designer in short movies and theatre.

João Barata

UL

joao.barata@ulusofona.pt

Caterina Cucinotta

Universidad Rey Juan Carlos

caterina.cucinotta@urjc.es

Palavras-chave: Figurino, moda, cinema, metodologia, cognição

Resumo

Na análise da imagem cinematográfica e da correspondente mise-en-scène, existe um elemento que requer mais solicitude pela academia portuguesa: o figurino. Essencial no relato da narrativa, consagra a transdisciplinaridade desde a sua materialidade têxtil ao expoente comunicativo e cognitivo. Este registo assimila uma triangulação metodológica como proposta de análise do figurino cinematográfico. Ao agregar os fundamentos da semiótica do vestuário provenientes de estudos de moda, com a funcionalidade e a perceção dos mesmos. Assumindo que, o figurino é um objeto comunicativo que, oriundo à personagem/emissor, transparece uma mensagem, que é interpretada pelo recetor/espectador. Já o recurso inovador, considera a relação entre a cognição humana e a indumentária, baseado em Hajo Adam e Adam D. Galinsky (2012) que postulam e evidenciam empiricamente que as vestimentas expressaram quantitativamente o que as metodologias qualitativas anunciam: o impacto do vestuário na perceção de quem observa. Neste sentido, o artigo propõe a utilização de uma metodologia que procura compreender a forma como a perceção sobre o figurino pode partir do próprio trabalho de personificação (do ator/utilizador) até à comunicação interpretada pelo espectador.

24.

A temperatura da cor: o cinema e as pinturas de Luc Tuymans

Filipe José da Silva Rodrigues

ESE-IPVC

f.rodrigues@ese.ipvc.pt

Doutorado em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Professor Adjunto Convidado no

Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Autor do projeto e Codiretor Artístico de Linha de Água - Bienal de Arte Contemporânea de Trás os Montes, 2022. Participou desde 1995 em mais de 350 Exposições Coletivas, Eventos e Bienais de Arte em Portugal, Espanha, França, Brasil, Grécia, Canadá, Estados Unidos da América e Japão. Realizou 32 Exposições Individuais em Portugal e Espanha. Recebeu 28 Prémios e distinções em Artes Plásticas em Portugal. Realiza curadorias desde 2005 em Portugal e Espanha, com destaque para a Bienal Internacional de Arte de Cerveira e Linha de Água - Bienal de Arte Contemporânea de Trás os Montes.

Palavras-chave: Cinema, Pintura, Representação Pictórica, Imagem Digital

Resumo

Estão em todo lado, afirma Jarrett Earnest “deslizando entre telefones, notebook, televisores, outdoors, revistas e pinturas e entre o material e o imaterial. No século XXI, comemos e dormimos imagens digitais. É impossível pensar fora delas”, Georges Duhamel que odiava cinema por não compreender o seu significado, dizia, “Já não posso pensar o que quero pensar”. Neste facto, a distinção entre a realidade e o simulacro gravitam no mesmo espaço difusor. A consciência do efeito do choque leva-nos até ao adágio de Walter Benjamin, a mesma ordem de contiguidade e o efeito provocado pela mais famosa aguarela de Angelus Novus do pintor Paul Klee. O anjo aturdido, na incerteza dos tempos, observa a transformação dos espectadores em objetos descartados e mercadorias inúteis. O tempo Contemporâneo, como sugere Peter Osborne, é ficcionado, porque opera na unidade de medida da ficção e na experiência especulativa. A imagem cinematográfica é, por isso, tendencialmente uma forma disjuntiva do tempo histórico, onde a ficção e a realidade misturam-se. A pintura pós-conceptual, determinada por uma condição que utiliza imagens preexistentes, já não apenas provenientes da imprensa escrita, da televisão, do vídeo, insere-se na diáspora do mundo digital. Que sentido se perspetiva no processo da relação entre cinema e a pintura pós-conceptual? Este resumo pretende reflectir acerca da problemática da utilização de imagens preexistentes na criação de novas áreas e formas da experiência da representação pictórica.

25.

Questões Financeiras e Burocráticas Essenciais para a Criação de Filmes e Séries Portuguesas

Inês Beatriz Rebanda Coelho

CECC - UCP

insclh@gmail.com

Inês Rebanda Coelho é licenciada em Som e Imagem, mestre em Cinema e Audiovisual, ambos pela Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (UCP) e doutorada em Ciências da Comunicação em Estudos Fílmicos e Televisivos pela Universidade do Minho. É jurada efetiva do Instituto do Cinema e do Audiovisual e, consultora e especialista na dgARTES. Trabalha com cinema, televisão e produção audiovisual há 15 anos, sendo as suas especialidades consultoria e investigação em direito de propriedade intelectual direcionado a cinema, obras audiovisuais e fotografia, e em finanças e produção criativa. É investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) da Universidade Católica Portuguesa, codiretora da revista indexada “Cinema & Território”, coordenadora e cofundadora do GT Economia e Gestão na Imagem em Movimento da Associação de Investigadores da Imagem em Movimento (AIM) e elemento da Comissão Científica do Espaço Random pertencente ao Conselho de Cultura da Universidade da Madeira. Autora de diversos artigos e capítulos na área do Cinema e Direito em revistas e livros científicos nacionais e internacionais de editoras de renome.

Palavras-chave: Cinema, Séries, Finanças, Burocracias, Direito

Resumo

Durante o meu percurso profissional como consultora de produção de cinema e audiovisual foram vários os desafios com que me deparei na obtenção de conhecimento essencial para orientar uma produção de sucesso, especialmente no que diz respeito a questões financeiras e burocráticas. São poucas as instituições existentes a nível formativo que estão munidas de profissionais que realmente percebem como funciona a vertente legal, a aquisição de apoios e de financiamento para a criação de filmes e séries em Portugal. Principalmente no que diz respeito ao cinema, tendo em conta a inexistência de uma indústria cinematográfica nacional autónoma, que leva à necessidade de recorrer a fundos públicos nacionais e internacionais para que haja uma real hipótese de produção de um filme. Porém, como é que eu garanto que possuo uma montagem financeira viável e realista, seja para um filme ou série? Como é que eu sei que o contrato que fiz com a produtora não é desvantajoso para mim na forma como cedo os meus direitos? Qual a dinâmica normal de venda e exploração de direitos que garante, não só que o meu trabalho é recompensado durante a criação da obra, mas que posteriormente irei receber como autor uma percentagem pelas suas vendas? Nesta comunicação,

pretendemos responder a estas e outras questões consideradas essenciais, assim como frisar a importância da aquisição de conhecimento legal e financeiro por parte de qualquer criador de cinema e séries.

26. Visual storytelling through set design in animation

Kristi Luht

IPCA

Kristi Luht works as a freelance motion graphic designer while studying in Baltic film and media school (BA level of Crossmedia Production), Estonia. Completed an internship as a 2D animator in Favo Studio (2017), currently developing her dissertation in the Master in Illustration and Animation at the Polytechnic Institute of Cávado and Ave (IPCA).

Jorge Brandão Pereira

ESD- IPCA

jmpereira@ipca.pt

Jorge Brandão Pereira is currently Director of the School of Design (ESD) of the Polytechnic Institute of Cávado and Ave (IPCA). PhD in Digital Media - Industries, Publics and Markets variant, University of Porto (2015), integrated in the UT Austin-Portugal program. Researcher of ID+ / Unexpected Media Lab and CAOS groups. Develops his research and praxis in the dynamic discussion between design, media and communication, participatory media, local cultures and heritage and design strategy.

Palavras-chave:

Resumo

In animation, visual storytelling with set design is a challenging strategy and the possibilities to expand the production's storyline is more diverse. The following paper investigates, in the context of hybrid production in animation where set and characters are created with diCerent techniques, about the characteristics of complementary features such as color, light and shadow, textures and patterns, and layouts and rhythm, and the usage of one over the other. This approach relies heavily on the set design to convey the narrative and evoke emotions in the viewer, without using dialogue, music, or other traditional storytelling elements. To create a successful visual storyline with only set design, the animator needs to consider the details and objects of the set and how they can best be used to carry on the storyline. Ultimately, visual storytelling through set design requires a careful balance of creativity, technical skill, and storytelling instinct, creating a meaningful story that resonates with audiences.

27. Entre o real e o imaginário: a representação da memória através do som e da imagem

Frederico Miguel da Cruz Dinis

ID+ - IPCA

f.dinis@sapo.pt

Frederico Dinis: Doutorado em Estudos Artísticos, especialidade de Estudos Teatrais e Performativos, pela Universidade de Coimbra e Pós-Doutorado em Estudos de Religião pela Universidade Católica Portuguesa. Atualmente desenvolve Pós-Doutoramento em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É Investigador do Grupo de Estudos em Cinema e Narrativas Digitais da AO NORTE, Investigador colaborador do CITER - Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa e Affiliated Scholar do SELMA - Centre for the Study of Storytelling, Experientiality and Memory da Universidade de Turku (Finlândia).

Palavras-chave: Memória, Performatividade, Sentido de Lugar, Audiovisualidade, Mediação

Resumo

O trabalho da memória e conceitos como memória colectiva (Halbwachs, 1925), teatros da memória (Banu, 1987), hábitos de memória (Connerton, 1989), lugares da memória (Nora, 1984-1994), memória incorporada (Taylor, 2003) e, mais

recentemente, memória ligada a lugares (Taylor, 2011), memória como acto performativo contínuo (Schneider, 2011) e reencenação da memória (Agnew et al., 2020) ajudaram a descrever relações complexas entre passado e presente, e individual e colectivo. Investigações anteriores (Dinis, 2020; 2023) revelaram que a inter-relação entre os meios sonoro e visual, a performatividade e o trabalho de memória surge como um artifício para tecer novas possibilidades para a construção de sentidos, levantando um conjunto de questões sobre a mediação tecnológica. Esta comunicação explora a mediação tecnológica, através do som e da imagem, e sua relação com a memória que confronta uma representação figurativa da memória da paisagem dos lugares. Uma paisagem enquanto elemento que se mostra capaz de abolir progressivamente a distinção entre mundo físico e mundo simbólico, através de um “repertório em modo intermediário” (Bénichou, 2020). Assumindo que a memória é um ato performativo contínuo (Schneider, 2011), examina-se assim o papel da memória no contexto sonoro e visual, situando-a entre o real e o imaginário, discutindo: (i) o processo de desenvolvimento de uma componente relacional que implica o espectador e a sua relação com o trabalho da memória, (ii) as novas formas de mediação tecnológica como base da desenvolvimento de novas configurações para a representação da memória e como recurso para uma investigação através da prática artística.

10 MAIO

SEXTA-FEIRA

14H00-16H00

MESA 7 . Sala 4

CINEMA E ENSINO

Moderação:

28.

Cinema, alteridade e autoria na formação de estudantes do IFPa Campus Belém

Breno Augusto Garcia Sales

IFP

brenogarciasales@gmail.com

Breno Augusto Garcia Sales - Instituto Federal do Pará - Antropólogo e Docente da Rede Federal da Educação básica, técnica e tecnológica. Líder do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Cultura, Educação e Política (GICEP). Membro do VISAGEM na UFPa.

Regiane Grinalda Maciel

IFP

Licenciada Plena em Teatro e Estudante do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa

Hanna Camylle Cordeiro Coelho

IFP

hannacoelho@hotmail.com

Estudante do curso de Licenciatura em História

Palavras-chave: Cinema, Educação, Autoria

Resumo

Apresentamos um estudo que procura relacionar cinema, antropologia e educação, desenvolvido a partir do diálogo de um projeto de ensino e um projeto de pesquisa. A intenção principal, em um tempo mais dilatado, é realizar uma etnografia do processo de aprendizado e de apropriação da linguagem audiovisual entre os estudantes do IFPA - Campus Belém - Pará - Amazônia - Brasil. Para tanto, os integrantes do projeto de ensino “Coletivo Miradas: cinema, direitos humanos e cultura de paz” propuseram o planejamento e a execução de uma trabalho formativo intitulado “Curso Livre de Produção de Vídeos com Mídias Móveis”, que convidou toda a comunidade acadêmica e realizou-se entre os meses

de outubro e dezembro 2023, com seis (6) encontros e com a participação de dois (2) convidados, especialistas em temas afins à produção audiovisual: som direto e edição. Desta forma, ao longo desta etapa formativa, realizamos um acompanhamento dos estudantes participantes, nas etapas de preparação dos roteiros (pré-produção) e atualmente estamos viabilizando as produções de forma que elas aconteçam de forma colaborativa, ou seja, que a divisão de tarefas tradicionais de um set de filmagem seja alternada e possamos experimentar diferentes papéis na produção. Os resultados deste trabalho serão materiais de vídeos e filmes que serão exibidos na “Mostra Miradas para a Paz”, culminância do projeto de ensino supramencionado. Atualmente os membros do Coletivo Miradas também estão realizando entrevistas semiestruturadas que possibilitem apreender a percepção destes estudantes acerca da importância das narrativas audiovisuais individuais e colaborativas nas suas formações curriculares e extracurriculares. O grupo envolvido espera reunir dados para pensar pedagogicamente o aprendizado do audiovisual na formação acadêmica e cidadã, decorrente da apropriação e utilização dessa linguagem no cotidiano de alunos multimidiatizados.

29.

O Cinema como Ferramenta Pedagógica: Aprendizagem e Construção de Bagagem Cultural nas Escolas

Letícia Waskevitz Dias

UAIG

leticia.wask@gmail.com

Palavras-chave: Cinema, Educação, Ferramenta Pedagógica, Pedagogia

Resumo

Desde o seu advento no século XIX, o cinema tem sido empregado como um poderoso instrumento de comunicação, difusão científica e promoção da cultura. Ele desempenha um amplo espectro de papéis dentro da sociedade, essa ferramenta é utilizada desde a propósitos científicos, como também para expressão artística, ideológica e educacional. No Brasil, a sua popularização deu-se de maneira concomitante ao crescimento urbano do século XX, culminando com a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) na década de 1930. Considerando as suas amplas possibilidades, o cinema é um importante instrumento no ambiente educacional, tendo em vista a experiência sensorial oferecida, que enriquece a aprendizagem e proporciona a compreensão intercultural, o desenvolvimento do senso de empatia e o pensamento crítico dos alunos. No presente artigo, será discutida a importância do cinema na educação e as suas potencialidades como ferramenta pedagógica.

30.

Em busca de uma escrevivência audiovisual: o projeto de pesquisa, ensino e extensão Sessão Corujinha (Universidade Federal de Goiás) e Cine Arandu (Arandu Ecopedagogia)

Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

UFG

maria.carvalho@ufg.br

Professora da Universidade Federal de Goiás e doutora em Educação.

Juliana Ribeiro Marra

Professora de História, coordenadora de Educação Infantil Casa Verde e doutoranda em História.

Aline Lino

Bióloga e educadora da Arandu Ecopedagogia.

Lidiana Reis

Cineasta e educadora audiovisual.

Paulo Moraes

Cineasta e editor Sutura Filmes.

Palavras-chave: Audiovisual. Cinema. História. Ensino. Escrivência

Resumo

Essa comunicação tem por objetivo apresentar o projeto de pesquisa, ensino e extensão Sessão Corujinha (Universidade Federal de Goiás) e Cine Arandu (Arandu Ecopedagogia), realizado em Pirenópolis-Goiás-Brasil. Durante cinco meses (entre outubro de 2022 e junho de 2023) esse projeto desenvolveu diversas atividades de experimentações audiovisuais com crianças entre 6 e 12 anos, visando a aprendizagem do Cinema e da História. Uma autora fundamental que sustentou esse trabalho foi Conceição Evaristo e seu conceito de “escrivência”. Esse termo traz a junção das palavras “escrever e vivência”, mas a força de sua ideia não está somente nessa aglutinação; ela está na linhagem que remete a ideia de pertencimento, elaboração, experiência e transformação. Esse conceito tem sido explorado em muitos campos de saberes, como uma alternativa para acolher e dar lugar às vozes silenciadas, aos saberes orais, às coletividades, muitas delas excluídas e marginalizadas. O projeto procurou investir nessa ideia, convidando as crianças a olharem no seu entorno e a se implicarem com ele. Os participantes encontraram pessoas, de diferentes idades, com diversas experiências de escrituras, bem como estudaram, pesquisaram e produziram um curta-metragem: Pirenópolis, a guardiã das águas. Explorar as imagens desse encontro com o outro, entre si e com os convidados remetem à troca, à escuta e ao fazer que o Cinema e a História potencializam.

31.

Registos de vídeos como instrumento de avaliação performativo em educação

Carlos Alberto dos Santos Almeida

ESE-IPVC

calmeida@ese.ipv.pt

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal. Investigador do Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho. Coordenador do Grupo Disciplinar de Artes, Design e Humanidades, Coordenador do Curso de Mestrado em Educação Artística. Licenciado em Educação Musical pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Mestre em Education Studies (Music Education) pela Universidade de Surrey/Roehampton, Londres, e Doutor em Didática da Educação Artística, pela Universidade de Valladolid. A sua área de especialidade é em educação artística, aptidão musical e formação de professores. Tem orientado várias teses de mestrado e doutoramento. Colabora com investigadores nacionais e internacionais com várias publicações. Coeditor da Revista Internacional Diálogos com a Arte.

Adalgisa Pontes

ESE-IPVC

adalgisapontes@ese.ipv.pt

Professora Adjunta Convidada no Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Desenvolve investigação sobre didática das expressões artísticas e o ensino da música no ensino genérico e especializado. Tem especial interesse em áreas relacionadas com a Educação Artística e com a formação de professores. Concluiu o doutoramento em Didáctica de la Educación Artística na Universidad de Valladolid, Espanha, em 2015, o mestrado em Ensino da Música na Escola da Artes, Universidade Católica Portuguesa, Porto, em 2017, e em 2004 o curso de Professores de Ensino Básico, variante Educação Musical na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo.

Palavras-chave: Performance Musical, Vídeo, Educação

Resumo

No contexto educativo, a prática da autocritica mediante a gravação de interpretações musicais tem se mostrado uma ferramenta indispensável e eficaz. Promovida durante o período de pandemia, tornou-se uma prática comum nos cursos

de formação de professores. Os alunos que gravam suas performances têm a oportunidade de se autoavaliar de forma minuciosa, identificando pontos fortes e áreas de melhoria nas suas interpretações. Além disso, ao assistir às gravações, conseguem analisar com mais objetividade e rigor na sua interpretação, observando detalhes como postura, expressão facial, afinação, entre outros aspetos que impactam diretamente na qualidade da interpretação musical. Por meio dessa prática, os estudantes não apenas aprimoram as suas habilidades musicais, mas também desenvolvem competências essenciais como autoconhecimento, autodesenvolvimento e autoconfiança. Adicionalmente, ao partilharem as gravações com os professores, recebem feedbacks mais precisos e direcionados, auxiliando-os a melhorar as suas técnicas e expressividade. Essa prática cria um ciclo de aprendizagem contínuo, no qual os alunos se sentem mais motivados e envolvidos no seu processo de evolução como futuros professores. Desta forma, a autocritica por meio da gravação de interpretações musicais não somente contribui para o desenvolvimento das habilidades musicais, mas também para o crescimento pessoal e artístico de cada indivíduo.

13^A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CINEMA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VIANA DO CASTELO

Organização



CÂMARA MUNICIPAL
VIANA DO CASTELO

Parceria



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo



Escola Superior
de Educação

Apoio



ID+ INSTITUTO DE
INVESTIGAÇÃO EM
DESIGN, INOVAÇÃO,
MÍDIA E CULTURA



INSTITUTO
POLITÉCNICO
DO CÁVADO
E DO AVE



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia